



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNO LUIZ AVELINO CARDOSO

**HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL DE MULHERES EM  
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PERPETRADA POR PARCEIRO ÍNTIMO**

São Luís - MA

2017

BRUNO LUIZ AVELINO CARDOSO

**HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL DE MULHERES EM  
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PERPETRADA POR PARCEIRO ÍNTIMO**

Linha de Pesquisa: Avaliação e Clínica Psicológica

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

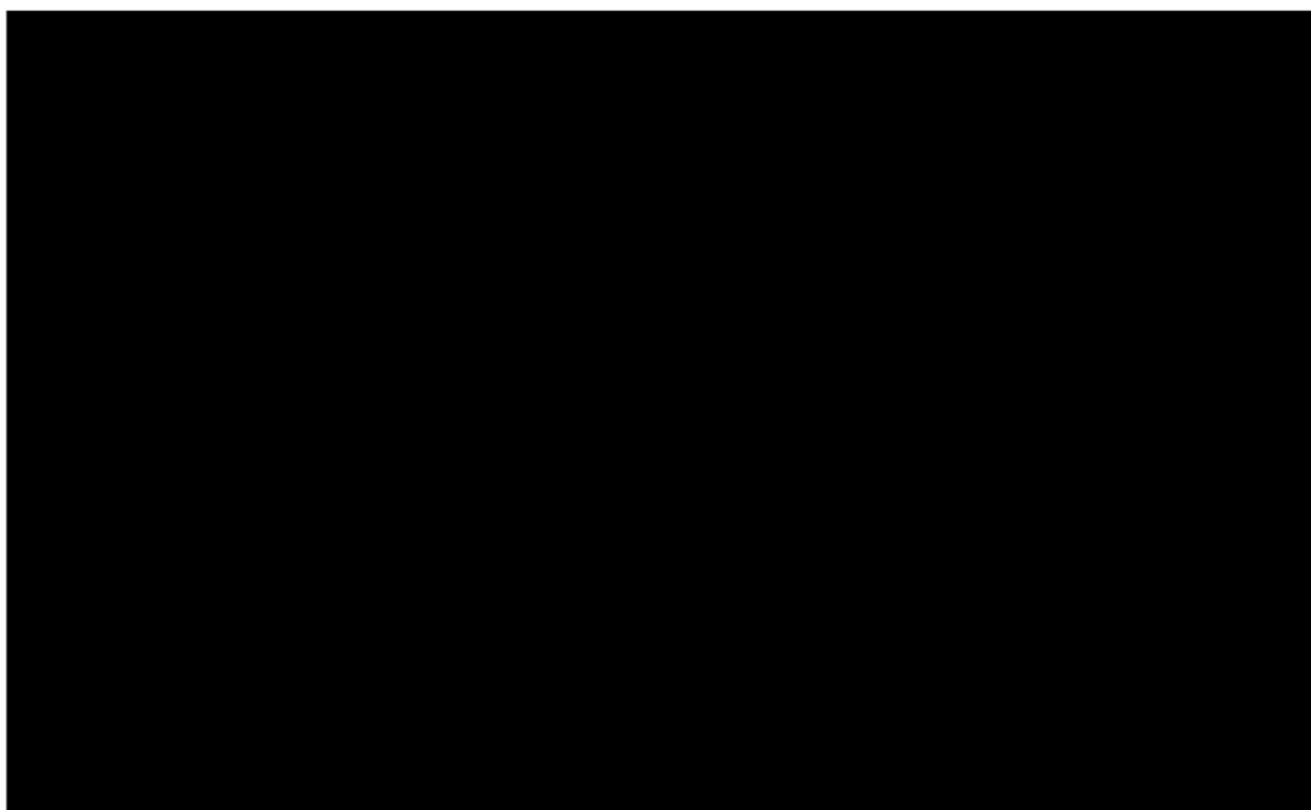
Orientadora: Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa

São Luís - MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA



BRUNO LUIZ AVELINO CARDOSO

**HABILIDADES SOCIAIS E SATISFAÇÃO CONJUGAL DE MULHERES EM  
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PERPETRADA POR PARCEIRO ÍNTIMO**

Linha de Pesquisa: Avaliação e Clínica Psicológica

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa

Aprovado em: 16 de maio de 2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Maria de Nazaré Pereira da Costa - Orientadora  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Zilda Aparecida Pereira Del Prette  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá  
Universidade Federal do Maranhão

---

Profa. Dra. Catarina Malcher Teixeira  
Universidade Federal do Maranhão

*Às mulheres em situação de violência e aos profissionais de saúde que trabalham diretamente na formulação de estratégias para prevenção e intervenção em relacionamentos abusivos.*

## AGRADECIMENTOS

À *Deus*, “porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas!” (Romanos 11:36).

À *minha família*, principalmente minha mãe, por ser um exemplo de força e resiliência. Chegar mais um passo adiante na minha trajetória acadêmica só foi possível primeiramente por Deus, depois pela dedicação e trabalho dela em cooperar para os sonhos dos filhos.

À minha orientadora, *profa. Dra. Nazaré Costa*, pelo comprometimento, competência e cuidado em instruir com louvor cada trabalho que orienta. Modelos como esse são dignos de reprodução.

Aos professores que se constituíram mentores acadêmicos, para mim, e que incentivaram de diversas formas o meu interesse pela docência e pesquisa. Aos quais destaco: (1) *Prof. Dr. Lucas Sá*, que foi um dos principais facilitadores durante todo o período de mestrado. Suas recomendações, pontuações, mediações e modelo como docente foram primordiais nesse processo. Agradeço pela confiança e pelo incentivo ao meu trajeto profissional; (2) *Profa. Dra. Catarina Malcher*, que se constitui para mim, um referencial de assertividade tanto em nível pessoal, quanto profissional. Faltam palavras para agradecer todo apoio e incentivo que obtive de você durante a minha formação como mestre; (3) *Profa. Ma. Nádia Pinheiro-Carozzo*, por me receber, juntamente com a *profa. Dra. Catarina Malcher*, no Grupo de Pesquisa em Habilidades Sociais e me proporcionar momentos de crescimento pessoal e profissional. Meu interesse por pesquisa se consolidou cada vez mais, com os modelos de vocês.

Aos profs. *Drs. Zilda Del Prette, Almir Del Prette e Lisa Bahram*, que foram docentes singulares para o meu treinamento e conhecimento sobre o campo teórico-prático das habilidades sociais. Agradeço-os pelo acolhimento no Grupo RIHS (Relações Interpessoais e Habilidades Sociais), na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para realização de estágio e disciplina. Conhecê-los foi um prazer enorme e pretendo continuar aprendendo com vocês. Em especial a *profa. Dra. Zilda Del Prette* que, por meio de suas orientações e supervisões, me incentivou cada vez mais a ser um melhor pesquisador, escritor e docente. O que aprendi com vocês, levarei por toda a vida.

Às *profas. Dras. Lúcia Williams e Raquel Brino*, do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV), na UFSCar, por me receberem com tanto cuidado e comprometimento, e permitirem o meu estágio durante o período que estive em São Carlos.

Com certeza aprendi muito com cada um dos pesquisadores que pude interagir nesse período e com o modelo sério e comprometido que vocês apresentam pela pesquisa e intervenções direcionadas a prevenção da violência.

À Equipe do *Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência – Casa da Mulher (CRAM)*, especialmente à psicóloga *Simone Souza* (diretora), por viabilizar a pesquisa e facilitar o acesso às mulheres que iriam compor esta pesquisa.

Aos amigos do *Instituto de Teoria e Pesquisa em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental (ITPC)*, especialmente às psicólogas *Esp. Samily Aquino*, *Esp. Alissandra D’Andrea* e *Ma. Michelle Fontes*. Vocês são pessoas essenciais na minha formação pessoal e profissional, cada interação com vocês é um período singular de grande aprendizado, descontração, compreensão e comprometimento.

Aos amigos que fiz durante o período de estágio na UFSCar, (1) *Ma. Livia Guerra*, por sempre estar disponível, acreditar e incentivar as ideias que surgiam repentinamente para as pesquisas (risos); (2) *Dr(ndo). Diego Lima*, pelo papel de mediador nas disciplinas de HS, e por esclarecer alguns assuntos sobre modelos de análise de dados, que me foram extremamente úteis para a produção desta dissertação; (3) *Dra(nda). Joene Santos*, por não permitir que os meus dias em São Carlos se tornassem isolados (risos) e me inserir em grupos sociais, que eram extremamente reforçadores; (4) *Dra. Nahara Costa*, que sempre esteve acessível no LAPREV para me esclarecer dúvidas (e eram muitas) quanto aos assuntos diversos relacionados à pesquisa, documentos, UFSCar, doutorado. Ainda estou lhe devendo um “ímã de geladeira” de São Luís (risos); (5) *Me(nda). Vanessa Ximenes* e (6) *Dra(nda) Raquel Sartori*, por serem as analistas do comportamento “que você respeita”! As interações que tive com vocês, com certeza foram muito reforçadoras e agradeço à cada uma pela disponibilidade em realizar projetos durante o período de estágio. Vocês são singulares!

Aos amigos do mestrado em Psicologia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por tornarem o curso tão rico e cheio de aprendizado. Acredito que cada um será um excelente mestre e se destacará naquilo que se propõe a fazer. Aqui, gostaria de destacar as *Me(ndas). Thaís Carvalho, Ana Alves, Bruna Pires* e *Raquel Leão*, por estarem disponíveis durante esse processo, sempre compartilhando, incentivando e demonstrando alegria pelas conquistas de cada um.

À psicóloga *Roseanne Bressan*, que disponibilizou um pouco do seu tempo para me auxiliar na compreensão inicial das análises de correlação. Obrigado, “Rs”! Desejo muito sucesso para o seu trajeto profissional e pessoal.

Ao Grupo de Pesquisa sobre Habilidades Sociais na UFMA (*Beatriz Adler, Júlia Milhomens, Flávia Haidar, Rayssa Braga*), por tornarem as manhãs de sexta-feira mais agradáveis e ricas em conhecimento e aprendizagem. Vocês são excelente e, com certeza, serão destaque na profissão.

Aos professores do quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da UFMA, pelo conhecimento passado durante todo o curso de mestrado. Aqui, destaco (1) *Dras. Denise Léda e Carla Vaz*, por todo ensino proporcionado na disciplina sobre “Processos Psicossociais” e por se prontificarem, desde o início do meu trajeto enquanto mestre, com resoluções para as questões que surgiam quanto às questões acadêmicas, (2) *Prof. Dr. Almir Ferreira*, por ser uma pessoa extremamente agradável e incentivadora. Fico muito feliz por saber que existem docentes como você que celebram as conquistas dos alunos, és um modelo a ser reproduzido; (3) *Dra. Cláudia Aline* pelos ensinamentos proporcionados na produção do projeto de pesquisa e pela exposição dos diversos delineamentos metodológicos para as pesquisas em psicologia, de forma concisa e clara.

Por fim, e não menos importante, à todos os meus amigos extra-contexto-acadêmico que estiveram disponíveis em diversos momentos, para ouvir, falar, acrescentar, sorrir e divertir. A conclusão de um período de mestrado não seria possível, com sanidade mental, sem vocês (risos). Sou grato por cada um.

*“Qualquer um pode ficar zangado – isso é muito fácil. Mas ficar zangado com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, com o propósito certo e do jeito certo – isso não é tão fácil assim” (Aristóteles).*

## RESUMO

O desenvolvimento de relações interpessoais satisfatórias tem contribuído decisivamente para a qualidade de vida e saúde psicológica das pessoas. Por outro lado, a dificuldade em manter relacionamentos de forma saudável e de utilizar estratégias de resolução de conflitos pode ocasionar prejuízos nas relações afetivas entre familiares, cônjuges, parceiros e/ou namorados contribuindo para a violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo. Compreende-se que uma relação conjugal satisfatória demanda habilidades sociais como a troca de afeto, busca por aproximação, resolução de problemas e outras. Esses aspectos evidenciam a relevância de investigações quanto à caracterização de repertório de habilidades sociais, nível de satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo e a relação entre essas variáveis. Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. Para o alcance desse objetivo, 23 mulheres, de uma instituição especializada no atendimento a mulheres em situação de violência, responderam três instrumentos: Questionário sobre Grau e Forma de Violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo, Escala de Satisfação Conjugal, e Inventário de Habilidades Sociais Conjugais. Os resultados mostraram que os níveis mais elevados de situações de violência pelas quais as mulheres indicaram foi de natureza psicológica e o nível de satisfação conjugal é inversamente proporcional às situações de violência por parceiro íntimo. Além disso, as mulheres se autoavaliaram com um repertório total deficitário de habilidades sociais conjugais, principalmente nas classes de “expressividade/empatia”, “autoafirmação assertiva” e “autocontrole proativo”, evidenciando dificuldades quanto a expressar sentimentos e pensamentos na relação conjugal, a garantir seus direitos à individualidade na relação, demonstrar compreensão empática, reconhecer os sinais de alteração fisiológica em si e no outro. Os dados obtidos por meio de correlação apontaram que as habilidades sociais conjugais gerais e da classe autocontrole proativo estiveram relacionadas negativamente com o aumento da insatisfação conjugal. Também foi observado que quanto mais habilidades de conversação assertiva, maior o nível de insatisfação conjugal (e com os aspectos da interação conjugal). As habilidades sociais de autoafirmação assertiva e autocontrole proativo também estiveram relacionadas negativamente com a ocorrência de situações de violência (geral e sexual). Assim, nota-se a importância do treinamento de habilidades sociais conjugais específicas para essa população e da compreensão da natureza das respostas assertivas no contexto sociocultural. O uso de habilidades sociais se contrapõe a relacionamentos violentos. Nesse sentido, este estudo contribui para a compreensão das classes de habilidades sociais conjugais que podem ser alvo de intervenção junto à população de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. O treino dessas habilidades, não só para a mulher, mas para o casal, pode se constituir como ferramenta essencial para o desenvolvimento de relacionamentos socialmente competentes, pautados no respeito ao outro e ampliação da satisfação conjugal.

**Palavras-chave:** habilidades sociais, habilidades sociais conjugais, satisfação conjugal, violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo.

## ABSTRACT

The development of satisfactory interpersonal relationships has contributed decisively to a quality of life and psychological health of the people. On the other hand, a difficulty in maintaining relationships in a healthy way and using conflict resolution strategies can lead to losses in the affective relationships between family members, spouses and partners and / or boyfriends contributing to violence against women by an intimate partner. It is understood that a satisfying conjugal relationship demands social skills like exchange of affection, search for approximation, problem solving, and others. These aspects highlight the relevance of investigations regarding the characterization of repertoire of social skills, marital satisfaction and the relationship between these variables in women in situation of intimate partner violence.. This study aims to analyze a relationship between social skills and marital satisfaction of women in situations of intimate partner violence. This study aims to analyse the relationship between social skills and marital satisfaction of women in situations of intimate partner violence. To achieve this goal, 23 women, from an institution specializing in the care of women in situation of violence, responded to three instruments: Questionnaire on Degree and Form of Violence by a woman practiced by intimate partner, Marital Satisfaction Scale, and Inventory of Marital Social Skills. The results showed that the highest levels of violence reported by the women interviewed were of a psychological nature and the level of marital satisfaction is inversely proportional to the situations of intimate partner violence. In addition, women in situations of intimate partner violence self-rated with a total deficit of marital social skills, especially in "expressiveness/empathy", "self-assertiveness " and "proactive self-control" classes, showing difficulties in expressing feelings and thoughts in the marital relationship, guaranteeing their rights to individuality in the relationship, demonstrate empathic understanding, recognize the signs of physiological change in oneself and in the other. The data obtained through correlation pointed out that as general marital social skills and the proactive self-control class was negatively related to the increase in marital dissatisfaction. It was also observed that the more assertive conversational skills the greater the marital dissatisfaction (and with the aspects of the conjugal interaction). It's shown that assertive self-assertion and proactive self-control are also negatively related to an occurrence of violence (general and sexual). Thus, the importance of social skills training for this population and the understanding of the nature of assertive responses in the sociocultural context is noted. The use of social skills contrasts with violent relationships. In this sense, this study contributes to the understanding of the classes of marital social skills that can be targeted for intervention among the population of women in situations of intimate partner violence. The training of these skills, not only for a woman, but for the couple, can be an essential tool for the development of socially competent relationships, based on respect for each other and expansion of marital satisfaction.

**Keywords:** social skills, marital social skills, marital satisfaction, violence against woman for intimate partner.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Categorização das Habilidades Sociais aplicadas ao contexto conjugal (afetivo-sexual), classes e definições adaptadas de Del Prette e Del Prette (2014). .....	6
Tabela 1. Dados sociodemográficos da amostra de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo.....	19
Tabela 2. Caracterização das formas e grau de violência por parceiro íntimo .....	24
Figura 1. Frequências de respostas por forma e grau de violência por parceiro íntimo .....	25
Tabela 3. Nível de insatisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo.....	26
Figura 2. Frequências de respostas para insatisfação conjugal de mulheres em situação de violência .....	26
Tabela 4. Caracterização das classes de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo .....	27
Tabela 5. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$ de Spearman) para satisfação conjugal e habilidades sociais conjugais .....	28
Tabela 6. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$ de Spearman) para satisfação conjugal e violência contra a mulher por parceiro íntimo .....	29
Tabela 7. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$ de Spearman) para habilidades sociais conjugais e violência contra a mulher por parceiro íntimo .....	30

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis

ESC – Escala de Satisfação Conjugal

HS – Habilidades Sociais

HSC – Habilidades Sociais Conjugais

IHS – Inventário de Habilidades Sociais

IHSC – Inventário de Habilidades Sociais Conjugais

TCC – Terapia Cognitivo-Comportamental

THS – Treinamento de Habilidades Sociais

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

OMS – Organização Mundial de Saúde

WHA – World Health Assembly

WHO – World Health Organization

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	03
2.1. Habilidades Sociais: marco teórico e contribuições para as relações interpessoais ..	03
2.2. Relacionamentos conjugais, satisfação conjugal e habilidades sociais .....	10
2.3. Violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo: principais conceitos e interfaces com as habilidades sociais.....	12
3. OBJETIVOS.....	17
3.1. Objetivo Geral.....	17
3.2. Objetivos Específicos .....	17
4. MÉTODO.....	18
4.1. Delineamento de pesquisa.....	18
4.2. Caracterização da amostra .....	18
4.3. Local da pesquisa.....	19
4.4. Instrumentos e Materiais.....	20
4.5. Procedimentos de coleta de dados .....	22
4.6. Procedimentos de análise de dados.....	22
5. RESULTADOS .....	24
5.1. Análise descritiva da forma e graude violência por parceiro íntimo .....	24
5.2. Análise descritiva do nível de satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo .....	25
5.3. Análise descritiva do repertório de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo .....	27
5.4. Análise correlacional entre habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência praticada por parceiro íntimo .....	27
5.5. Análise correlacional entre satisfação conjugal e situações de violência praticada por parceiro íntimo .....	29
5.6. Análise correlacional entre habilidades sociais e situações de violência praticada ppor parceiro íntimo.....	30
6. DISCUSSÃO.....	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIAS .....	40
APÊNDICES .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

*“O cravo brigou com a rosa  
Debaixo de uma sacada  
O cravo saiu ferido  
E a rosa despedaçada*

*O cravo ficou doente  
E a rosa foi visitar  
O cravo teve um desmaio  
E a rosa pôs-se a chorar*

*A rosa fez serenata  
O cravo foi espiar  
E as flores fizeram festa  
Porque eles vão se casar”  
(Cantigas populares)*

O processo de violência contra a mulher por vezes tem recebido pouca atenção na sociedade. Os versos ensinados para crianças, sobre o cravo (agressor) brigar com a rosa (pessoa agredida) sem qualquer consequência punitiva/inibitória para o comportamento violento, mostra como as relações abusivas podem ocasionar prejuízos na qualidade de vida e saúde das vítimas. Esse é um dos dilemas da sociedade contemporânea. No entanto, as medidas jurídicas para a punição e/ou advertência dos perpetradores têm sido asseguradas, no Brasil, por meio da Lei 11.340 de 7 de Agosto de 2006 (BRASIL, 2006), conhecida popularmente como “Lei Maria da Penha”, e conseqüentemente os “cravos” têm sido penalizados por suas ações violentas.

Não obstante alguns “cravos” sejam punidos ou advertidos pelos atos violentos contra a mulher, muitos dados sobre a ocorrência desse fenômeno ainda se encontram ocultos, devido à natureza e tipo de violência (OMS, 2012), que acaba por dificultar a compreensão das dimensões dos danos que são causados aos envolvidos na situação. Além disso, os possíveis déficits em habilidades sociais da “rosa” em denunciar os comportamentos abusivos ou mesmo findar relacionamentos que persistem com agressões, podem dificultar o mapeamento de relações violentas. Ainda que alguns dados permaneçam ocultos, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2011) estima que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e 70% dos atos violentos contra a mulher, resultados em morte, foram perpetrados por parceiros íntimos.

Além das consequências já mencionadas, o comportamento violento também resulta em prejuízos nas relações interpessoais e no bem-estar, tanto do indivíduo em situação de

violência que tem seus ciclos sociais reduzidos e controlados pelo agressor, quanto em toda a família, que pode ser afetada em sua competência parental, educacional e laboral (OMS, 2012). Logo, as habilidades sociais contribuiriam para uma relação conjugal satisfatória, já que esta implica diretamente em troca de afeto, busca por aproximação e resolução de problemas (BOLSONI-SILVA; NOGUEIRA; CARVALHO, 2015; PLESSIS; CLARKE, 2008), e uma série de outras habilidades como autorregulação, comunicação, expressividade emocional, responsividade ao parceiro, habilidades sexuais e outras (CARDOSO; DEL PRETTE, s.d). Deste modo, considerando dados de estudos que evidenciam relação positiva entre satisfação conjugal e habilidades sociais (SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009; VILLA; DEL PRETTE, 2013), este estudo tem por objetivo analisar as habilidades sociais conjugais e a satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo.

Os benefícios sociais alcançados por esta pesquisa perpassam pela compreensão de que os dados coletados poderão servir de base para uma melhor assistência às mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. A partir disso, poderá contribuir para intervenções focadas no desenvolvimento de repertórios de habilidades sociais para o reconhecimento de possíveis relacionamentos agressivos, resgate da autoeficácia, autoestima e empoderamento social da mulher em seus relacionamentos amorosos.

No âmbito acadêmico, estudos tem sido conduzidos sobre a relação entre satisfação conjugal e habilidades sociais (SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009; VILLA; DEL PRETTE, 2013), contudo nenhum parece ter como foco as mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo. Deste modo, esta pesquisa visa auxiliar para a caracterização do repertório de habilidades sociais, nível de satisfação conjugal dessa população e discutir a relação entre essas variáveis. Os dados deste estudo servirão para o preenchimento de uma lacuna teórica sobre habilidades sociais conjugais que estão em fase inicial no Brasil.

Isto posto, esta dissertação será apresentada em seis capítulos. O primeiro está subdividido em tópicos que abordam, respectivamente, os temas: habilidades sociais, relacionamentos conjugais, satisfação conjugal, habilidades sociais conjugais e violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo. O segundo desenha o método que foi utilizado para alcance dos objetivos. No terceiro são apresentados os resultados da pesquisa, com dados descritivos e correlacionais dos principais construtos desta pesquisa. No quarto, é apresentada a discussão desses dados, de acordo com o campo teórico-prático das habilidades sociais. E, por fim, no capítulo cinco e seis são indicadas as considerações finais dessa pesquisa com as

suas limitações, a fim de impulsionar estudos futuros sobre a temática das habilidades sociais conjugais e a violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Habilidades Sociais: marco teórico e contribuições para as relações interpessoais**

O desenvolvimento de relações interpessoais satisfatórias tem contribuído decisivamente para a qualidade de vida e saúde psicológica das pessoas. Por outro lado, a dificuldade em manter relacionamentos de forma saudável e de utilizar estratégias de resolução de conflitos pode ocasionar prejuízos nas relações afetivas entre familiares, cônjuges, parceiros e/ou namorados (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014; VILLA; DEL PRETTE, 2012).

Como subsídio para a superação de possíveis dificuldades nas interações e compreensão dos relacionamentos interpessoais, encontra-se os estudos no campo das Habilidades Sociais (HS), que provêm de duas fontes de pesquisa. A primeira foi desenvolvida por Wolpe (1958), nos Estados Unidos, como um método interventivo para ansiedade e originou o Treinamento Assertivo (TA). A segunda tem como protagonista Argyle (1967), que desenvolveu estudos na Inglaterra sobre a interação homem-máquina e a descrição do processamento de informações, que suscitou o Treinamento de Habilidades Sociais (THS).

O THS apresenta uma visão abrangente quanto às classes comportamentais envolvidas nas interações sociais, o que o torna alvo de maior aceitação no campo científico, devido a seu escopo e base teórica (BOLSONI-SILVA et al., 2006; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1996, 2012), em diversas áreas como Psicologia, Antropologia, Comunicação Social, Medicina e outras. Isso também favorece a ampliação dos conceitos que são estudados e a profundidade em sua fundamentação.

Na Psicologia, por exemplo, devido as suas diversas abordagens teóricas, o THS tem seu referencial teórico multifacetado, com predominância nos estudos sob as perspectivas cognitivistas (CABALLO, 2014; CABALLO; INURTIA; SALAZAR, 2013; OLÁZ, 2013; SALDAÑA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002) e comportamentais (BOLSONI-SILVA, 2002; BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010, 2013b; GRESHAM, 2013). Apesar de essas abordagens apresentem diferenças teórico-metodológicas no estudo das habilidades sociais, compreende-se uma interação entre elas, sem esgotar as

possibilidades de análises e investigações, que podem representar sua complexidade investigativa na busca de uma compreensão global do ser humano (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010; OLÁZ, 2013).

Para Del Prette e Del Prette (2010, 2012, 2014) os estudos sobre habilidades sociais ainda comportam uma diversidade conceitual que exige do pesquisador uma descrição de conceitos fundamentais, como os de *desempenho social*, *competência social* e *habilidades sociais*. Assim, faz-se necessário apresentar esses termos devido às suas especificidades teóricas.

Por *desempenho social* entende-se a execução de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação social qualquer. Em caráter exemplificativo, *pedir para sair com o cônjuge* é um tipo de desempenho, visto que ilustra um comportamento em uma dada situação social. Por conseguinte, as *habilidades sociais* englobam diferentes classes de comportamentos sociais, presentes no repertório de um indivíduo, que contribuem para determinar a qualidade e a efetividade das interações que ele estabelece com os outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012, 2014).

Desse modo, as habilidades sociais podem ser classificadas em unidades mais amplas (molares) e decompostas em unidades menores (moleculares). No entanto, não se trata de uma divisão estanque, pois mesmo uma unidade menor pode ainda ser decomposta em seus componentes. Del Prette e Del Prette (2014) propuseram as classes de habilidades sociais de *automonitoria*; *comunicação*; *assertividade*, *direito e cidadania*; *trabalho*; *civilidade*; *empatia*; *expressão de sentimento positivo*. Cada uma delas apresenta subclasses e podem ser trabalhadas para a superação de déficits interpessoais (cf. definição das classes, subclasses, importância e exemplos de habilidades sociais no contexto conjugal – Quadro 1).

Del Prette e Del Prette (2013a) também ressaltam que a identificação desses déficits e dos recursos nas diferentes classes de habilidades sociais permite orientar o processo de intervenção e programas em THS com diversos públicos, entre eles, os casais. Esses déficits são descritos por esses autores, como *de aquisição*, referindo-se a não emissão da habilidade, por ausência desta no repertório do indivíduo; *de desempenho*, quando o indivíduo tem o repertório, mas emite a habilidade em frequência inferior à esperada nas relações interpessoais; e, por fim, *de fluência*, no qual a pessoa emite a habilidade com níveis de proficiência inferior ao esperado. Para esses autores, os déficits em habilidades sociais podem ocorrer devido à falta de conhecimento, restrição de oportunidades e de modelos, falhas de reforçamento, ausência de *feedback*, excesso de ansiedade interpessoal, dificuldades de discriminação, processamento de informações, e problemas de comportamento. Além disso,

os déficits em habilidades sociais podem interferir diretamente em desempenhos socialmente competentes.

A competência social é definida como atributo avaliativo do desempenho social e está relacionada à funcionalidade desse desempenho (resultados ou consequências) que deve manter coerência entre comportamentos, pensamentos e emoções. Assim, a competência social é um atributo decorrente da avaliação da proficiência do comportamento emitido em determinado contexto social e qualifica a propensão do sujeito em articular pensamentos, emoções e comportamentos, de modo a obter desempenhos com resultados favoráveis a uma relação interpessoal positiva em curto, médio e longo prazo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014, 2012; TROWER, 1995).

Em vista disso, Del Prette e Del Prette (2014) afirmam que para um desempenho ser avaliado como socialmente competente, suas consequências ou resultados devem contemplar critérios de funcionalidade que estão associados às dimensões instrumental e ética, tais como: consecução de objetivos em uma interação social, manutenção e/ou melhora da autoestima, manutenção e/ou melhoria da relação, respeito aos direitos humanos básicos e equilíbrio de reforçadores na relação interpessoal. Com base nesses critérios, a competência social contribui decisivamente para relações interpessoais saudáveis em seus diversos contextos, inclusive nos relacionamentos conjugais.

Ainda de acordo com Del Prette e Del Prette (2014), embora a totalidade desses critérios não seja preenchida em uma única interação, quanto maior a quantidade de itens alcançados, maior o nível de competência social do sujeito. Ressalta-se que os termos habilidades sociais e competência social são considerados complementares, mas com definições diferentes. Essa distinção favorece a compreensão operacional do comportamento humano e das relações interpessoais. Por isso, as habilidades sociais podem ser consideradas como “tijolos construtores da competência social” (TROWER, 1995, p. 57). Portanto, pode-se afirmar que o desempenho socialmente competente contribui diretamente para relações conjugais saudáveis e facilita a manutenção da satisfação conjugal/familiar e minimização dos conflitos interpessoais entre os parceiros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014). Uma ilustração de situações interpessoais e da importância dessas habilidades no contexto conjugal pode ser observada no Quadro 1.

Destaca-se que Villa (2005) propõe em sua tese de doutorado as principais habilidades sociais no contexto conjugal: *automonitoria, comunicação, civilidade, assertividade, empatia, e expressão de sentimentos positivos*. Contudo, a classe de habilidades sociais de *trabalho* não é inserida. O autor optou por incluí-la como essencial na relação dos casais com filhos, visto

que a subclasse *habilidades sociais educativas* envolve diretamente a promoção do desenvolvimento e aprendizagem por figuras de autoridade, entre as quais os pais e/ou responsáveis (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008). Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002) um relacionamento conjugal disfuncional pode afetar diretamente na criação de possíveis filhos que o casal tenha. A definição de classes de habilidades no contexto conjugal também podem ser consultadas no estudo de Villa e Del Prette (2012).

Quadro 1. Categorização das Habilidades Sociais aplicadas ao contexto conjugal (afetivo-sexual), classes e definições adaptadas de Del Prette e Del Prette (2014)

CLASSE	DEFINIÇÃO	IMPORTÂNCIA	EXEMPLOS
<b><i>Automonitoria</i></b>	Habilidade metacognitiva <sup>1</sup> de processamento de informações referentes às relações interpessoais estabelecidas com o outro, bem como dos próprios pensamentos, emoções e comportamentos em dada situação social. Abrange quatro dimensões: controle da impulsividade, observação do outro, introspecção e reflexão.	O(a) parceiro (a) pode perceber as estratégias de enfrentamento de problemas que utiliza e avaliar se está surtindo efeito na sua relação com o(a) parceiro(a). A partir daí pode identificar quais comportamentos emitir mediante uma avaliação prévia.	“A: Percebi que falei de forma grosseira com meu(minha) parceiro(a) e isto fez com que ele(a) ficasse triste...”
<b><i>Comunicação</i></b> <i>(Subclasses: fazer e responder perguntas; gratificar e elogiar; pedir e dar feedback; iniciar, manter e encerrar conversaço)</i>	Processo mediacional entre dois ou mais interlocutores, que abrange como classe (molar) de comportamentos uma série de outros comportamentos menores (moleculares). São classificadas conforme o seu conteúdo e/ou topografia como verbais, não verbais e paralinguísticos.	O (a) parceiro (a) pode basear a sua relação em momentos de diálogo, estratégias de resolução de problemas, fornecendo <i>feedbacks</i> (principalmente positivos) e reconhecer momentos para iniciar e encerrar conversaço. Isso favorece interlocuções saudáveis, manutenção e desfrute das relações sociais.	“A: Como foi o seu dia hoje? B: Foi muito bom, apresentei um novo projeto no trabalho e foi bem avaliado pelos sócios. E o seu? A: Foi muito interessante também, visitei a escola dos meninos hoje. B: Obrigado (a)! Você é sempre atencioso (a) e preocupado (a) com a aprendizagem dos nossos filhos!”.

<sup>1</sup> Segundo Batmaz (2014) a metacognição refere-se ao processo de pensar sobre o próprio pensamento, permitindo a compreensão dos processos cognitivos (por meio da atenção), e como eles influenciam as estratégias de regulação cognitiva, emocional e comportamental.

CLASSE	DEFINIÇÃO	IMPORTÂNCIA	EXEMPLOS
<b>Civilidade</b>	Conjunto de comportamentos que são denominados pelo senso comum como “boa educação”. São vistos como a classe de comportamentos que inclui desempenhos basicamente padronizados pelas normas culturais e sociais.	O (a) parceiro (a) pode emitir respostas consideradas socialmente como “boas condutas” e pedir “por favor”, licença, agradecer, saudar etc. Essa classe de comportamentos auxilia no processo de expressão emocional do casal e de a construção de outras habilidades que facilitam as interações no contexto conjugal.	“A: Com licença! Pode me passar o prato com a salada, por favor? B: Obrigado(a)!”.
<b>Assertividade, direito e cidadania</b> (Subclasses: manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; desculpar-se e admitir falhas; estabelecer relacionamento afetivo-sexual; encerrar relacionamento; expressar raiva e pedir mudança de comportamento; interagir com autoridades; lidar com críticas)	Habilidade de expressão de sentimentos, pensamentos e direitos, de forma direta e adequada, com controle da ansiedade e respeito aos direitos humanos básicos. Pode ser vista também enquanto uma habilidade de enfrentamento, devido às reações (aversivas ou reforçadoras) que pode gerar sobre a comunidade verbal.	O (a) parceiro (a) pode apresentar suas opiniões e demonstrar (des)contentamento com o que ocorre no contexto afetivo-sexual. Isto pode proporcionar mudanças de comportamento no(a) parceiro(a) e manter relações embasadas nos direitos humanos.	“A: Não gostei da forma que você falou comigo hoje na hora do almoço, na frente dos seus colegas, isso fez com que eu me sentisse zangado(a), gostaria que da próxima vez você me chamasse em particular, para que possamos conversar. Assim nós evitaremos possíveis problemas e teremos um diálogo mais saudável”.

CLASSE	DEFINIÇÃO	IMPORTÂNCIA	EXEMPLOS
<p><b><i>Empatia</i></b> (Subclasses: <i>parafrasear; refletir sentimentos; expressar apoio</i>)</p>	<p>Capacidade de compreender as dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais do(a) parceiro (a) e, a partir disso, validar os sentimentos, pensamentos e comportamentos do outro por meio da comunicação de apoio e expressão de ajuda.</p>	<p>O(a) parceiro (a) pode, por meio do comportamento empático, favorecer um relacionamento saudável e evitar déficits interacionais na relação conjugal. Além disso, proporcionar estratégias de enfrentamento e resolução de problemas que previnem desempenhos agressivos.</p>	<p>“A: Realmente imagino que deve estar sendo bem difícil para você o fato de ter sido demitido (a) do seu emprego. Gostaria de lhe dizer que você pode contar comigo para o que precisar”.</p>
<p><b><i>Expressão de sentimentos positivos</i></b> (Subclasses: <i>fazer amizades; expressar solidariedade; cultivar o amor</i>)</p>	<p>Habilidade de expressão verbal e não verbal de sentimentos positivos para com o parceiro, por meio da comunicação de afeto com a finalidade de cultivar o amor e manter relações de carinho.</p>	<p>O(a) parceiro (a) pode demonstrar seus sentimentos positivos ao cônjuge e fortalecer o relacionamento afetivo-sexual.</p>	<p>“A: Sua companhia me faz tão bem! Muito bom poder compartilhar de momentos com você!”.</p>

CLASSE	DEFINIÇÃO	IMPORTÂNCIA	EXEMPLOS
<i>Trabalho (educativas)</i>	Capacidade de compreender as questões estruturais do casamento, com equilíbrio entre as atividades acadêmicas/de trabalho e a relação conjugal/afetivo-sexual, assim como atender às demandas educacionais direcionadas aos filhos para a ampliação dos processos de aprendizagem. <sup>2</sup>	O(a) parceiro(a) pode desempenhar comportamentos de cuidado e atenção às atividades de ensino/aprendizagem dos filhos e organizar o seu tempo entre às atividades acadêmicas/de trabalho e à relação conjugal.	“A: Precisamos conversar sobre o comportamento do nosso filho. A professora ligou para mencionar que ele estava com algumas dificuldades na matéria e nos convidou para conversar com ela. Você poderia negociar seu horário de amanhã, no seu trabalho?”.

<sup>2</sup> A definição do termo *habilidades sociais de trabalho*, apresentada neste quadro, trata-se de uma adaptação do autor, a partir das descrições de Del Prette e Del Prette (2014), a fim de evidenciar a relevância da classe de habilidades sociais de trabalho, principalmente as educativas, no contexto conjugal/afetivo-sexual.

## 2.2. Relacionamentos Conjugais, Satisfação Conjugal e Habilidades Sociais

Villa e Del Prette (2013) compreendem a relação conjugal como uma união entre duas pessoas que mantêm compromisso, vivem juntas e desfrutam da sexualidade. Para as autoras, esse tipo de relação geralmente ocorre, atualmente, pela “livre escolha” do casal e não por imposições familiares, políticas ou sociais. Logo, a união se dá pela decisão em ter uma vida a dois e compartilhar os critérios supracitados. Assim, Villa e Del Prette (2013) destacam as interações interpessoais como elementos importantes para uma relação conjugal satisfatória.

Para que uma relação conjugal possa ser benéfica para os parceiros, é necessária uma diversidade de habilidades sociais que colaborarão para o bem estar do casal. Algumas dessas habilidades foram identificadas por Gottman e Rushe (1995), em um estudo investigativo acerca dos modelos de intervenção efetivas com casais, o que os autores denominaram de Terapia Conjugal Mínima (TCM)<sup>3</sup>, são elas: (a) acalmar-se e estar atento aos estados de alteração fisiológica do parceiro<sup>4</sup>, (b) escuta não defensiva com respostas empáticas, (c) validação verbal e não verbal na comunicação conjugal, por meio de compreensão empática. Nessa atuação ‘mínima’, os autores também apontam o (d) processo de fornecer recursos alternativos para que os casais lidem com os conflitos conjugais ocasionados pelo “ciclo corrosivo” (queixa → crítica → resposta defensiva → desprezo → retirada), e (e) estar atento quanto aos modelos de persuasão presentes na relação, por meio de afirmações sobre o “outro estar errado” (GOTTMAN; RUSHE, 1995).

Essas habilidades compõem um repertório de comportamentos que podem favorecer a satisfação conjugal. Para defini-la, Dela Coleta (1989) aponta três eixos essenciais, são eles: *interação conjugal*, concernente ao que cada cônjuge está satisfeito na relação e a frequência com que o cônjuge busca pela interação conjugal; *aspectos emocionais* do parceiro, relacionados à satisfação dos cônjuges com a forma com que o outro lida com as emoções; e *aspectos práticos* do casamento, referente ao nível de satisfação do cônjuge em relação à organização pessoal, prioridades, regras domésticas, e resolução de problemas (DELA COLETA, 1989; VILLA; DEL PRETTE, 2013; VILLA, 2002, 2005).

A satisfação conjugal ainda está relacionada com um vasto repertório de habilidades sociais conjugais. Pesquisas conduzidas por Villa e Del Prette (2013), e por Sardinha, Falcone

---

<sup>3</sup> *Minimal Marital Therapy*.

<sup>4</sup> Gottman e Rushe (1995) conceituaram como *diffuse physiological arousal (DPA)* os diversos sistemas fisiológicos que são ativados e alterados em seus níveis basais e podem afetar as habilidades cognitivas (referente ao processamento de informação) do casal, facilitando o processo de agressão, caso não haja o autocontrole.

e Ferreira (2009) apontaram que a combinação de habilidades sociais, como expressões empáticas e assertividade, favorecem um relacionamento romântico saudável, contrapõem os comportamentos agressivos ou passivos na relação e estão diretamente relacionados a altos níveis de satisfação conjugal. Além disto, na medida em que o parceiro toma perspectiva da visão do outro, muitos déficits de interação são evitados, o que facilita as estratégias de enfrentamento e resolução de problemas (SARDINHA; FALCONE; FERREIRA, 2009). Nesse caso, as autoras destacam o comportamento empático como fator preventivo aos desempenhos agressivos e/ou violentos.

Por outro lado, como parte dos resultados do estudo de Villa e Del Prette (2013), verificou-se que a capacidade das mulheres em emitir habilidades de autocontrole da agressividade se constitui como fator preponderante para a satisfação do marido, enquanto que a satisfação das esposas está correlacionada com as habilidades sociais gerais dos homens. Para as mulheres, os parceiros com bom repertório para interações interpessoais e maior expressividade de sentimentos têm companheiras mais satisfeitas com a relação e, como consequência, previne os conflitos no relacionamento.

Estudo realizado por Plessis e Clarke (2008), com 22 casais heterossexuais na Nova Zelândia, teve como objetivo elencar estratégias que ajudam, não ajudam e que são ideais para resolução de conflitos. Os resultados da pesquisa indicaram que comportamentos emocionais excessivos, de defensividade, reclamações, críticas, desprezos, obstrução (retirada), afastamento, esquiva, ataques, culpa ao parceiro, foco em estar correto (“vencer a discussão”), e os insultos pessoais são assinalados como prejudiciais para a satisfação conjugal e não auxiliam na resolução dos conflitos. Por outro lado, o uso de habilidades de resolução de problemas que envolvem discussões calmas, falar um de cada vez, ouvir e tentar entender a perspectiva do outro (empatia), identificar o tempo e local oportuno para conversar sobre o problema, envolver uma terceira pessoa para mediar o conflito quando houver um impasse entre o casal, assumir a responsabilidade pelos seus comportamentos, negociar, comprometer-se à mudança durante o conflito, encontrar soluções aceitáveis mutuamente, resolver os problemas antes de ir para cama, focar no problema específico, são estratégias que auxiliam na resolução dos conflitos. Por fim, os casais apontaram que ser bons ouvintes, apresentar comportamentos empáticos (escuta ativa e fornecer respostas empáticas), calma e discussões aprofundadas poderiam ser estratégias ideais para resolução de problemas.

As estratégias supracitadas estão diretamente relacionadas com as habilidades de comunicação. De acordo com Cornelius, Shorey e Beebe (2010) déficits nessas habilidades

são preditivos de conflito e estão associados à insatisfação conjugal. Para os autores, os casais em situação de violência apresentam menos respostas de comunicação adaptativa.

Como recurso para a prevenção de relacionamentos abusivos e manutenção de relações saudáveis, Teixeira, Pinheiro, Lobato, Gondim e Lima (2015) destacam a importância das habilidades sociais nos relacionamentos amorosos. Essas são essenciais para manter o equilíbrio do casal e auxiliar na resolução de problemas na relação. As autoras indicam a assertividade como fator protetivo nos relacionamentos afetivos e contribuinte para a diminuição da violência conjugal por parceiro íntimo.

Por conseguinte, Shorey, Cornelius e Bell (2008, p. 186) mencionaram, em uma revisão com objetivo de “fornecer uma análise crítica dos quadros teóricos vigentes que têm sido propostos para explicar a agressão interpessoal e identificar como eles podem ser úteis para examinar a violência no namoro”, que indivíduos com histórico de violência nessa etapa de relacionamento, por vezes evidenciam um baixo repertório de habilidades de resolução de problemas e habilidades de comunicação, quando comparados a outros sujeitos não expostos a esse tipo de violência. Para os autores, a ocorrência de violência nas relações íntimas também pode reforçar uma crença de que o comportamento violento é uma maneira bem sucedida e/ou normal para influenciar os parceiros e ter controle sobre o relacionamento (CORNELIUS; RESSEGUIE, 2007; MUNOZ-RIVAS; GRANA; O’LEARY; GONZALEZ, 2007; SHOREY; CORNELIUS; BELL, 2008). Esses dados evidenciam a necessidade de compreender os matizes da violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo, a partir dos estudos encontrados no campo teórico-prático das habilidades sociais.

### **2.3. Violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo: principais conceitos e interface com as habilidades sociais**

De acordo com a resolução 49.25 da World Health Assembly (WHA, 1996) a violência é considerada um problema de saúde pública, devido às consequências que ocasiona na saúde física (e. g. doenças crônicas, problemas ginecológicos, maior risco à doenças sexualmente transmissíveis – DST’s, dificuldades somáticas) e psicológica (e. g. transtornos de ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, automutilação) das mulheres nessa situação (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014; DILLON; HUSSAIN; LOXTON; RAHMAN, 2013; KRUG et al., 2002; SHOREY; TIRONE; NATHANSON; HANDSEL; RHATIGAN, 2012; ONU, 2011; WHA, 1996). Segundo Minayo (2004), a violência

compreende questões-médico-sociais e apresenta uma polissemia conceitual quanto à sua definição.

Assim, trata-se de um termo controverso e complexo (MINAYO; SOUZA, 1998) que abrange uma diversidade de teorias que são parciais em suas definições. Desse modo, as mesmas autoras propõem o termo *violências*, visto que se refere a um construto múltiplo e diferenciado que envolve uma tipologia específica. Entre os tipos de violência previstos na literatura, destacam-se os que estão contidos na Lei “Maria da Penha” (BRASIL, 2006), que criou mecanismos para prevenir e punir qualquer forma de violência contra a mulher. Esse documento aponta, no artigo 7º, algumas das principais formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, são elas:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A violência acontece em uma cadeia estrutural (KRUG et al., 2002) e envolve uma série de prejuízos interpessoais para a pessoa agredida. Este é o caso das mulheres que sofrem violência por parceiro íntimo, que podem sofrer danos físicos, psicológicos, morais, sexuais ou patrimoniais na relação violenta. Esses tipos de violência, preconizados pela Lei “Maria da Penha”, podem ser encontrados em todos os países, independente da classe social, cultural,

econômica e/ou religiosa (KRUG et al., 2002; OMS 2012) e resultam diretamente no relacionamento entre os parceiros íntimos.

Para Krug et al. (2002) a violência perpetrada por parceiro íntimo também pode ser identificada em uma intenção clara quanto ao ato violento. Desse modo, articulando os conceitos do campo teórico-prático das habilidades sociais e a definição de violência praticada por parceiro íntimo, proposta pela OMS (KRUG et al., 2002), pode-se supor que a permanência em relacionamentos abusivos indica déficits de habilidades sociais, como a assertividade. Por conseguinte, também quanto às dimensões ética e instrumental da competência social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Nesse caso, destacam-se a não obtenção dos critérios apresentados por Del Prette e Del Prette (2014) para competência social. Pelo contrário, as mulheres em situação de violência podem apresentar *baixa da autoestima*, pois o agressor utiliza de palavras depreciativas e intimidativas que ocasionam uma autoimagem distorcida na mulher; *não obtenção dos objetivos na relação*, visto que geralmente a mulher continua sendo agredida ou sofrendo na relação sem que haja resolução do problema; *relação sem equilíbrio de reforçadores*, pois o nível de ganhos é maior (ou exclusivo) para o agressor que se beneficia na relação; restrição quanto aos direitos humanos básicos, dado que a mulher fica restrita quanto a manifestar opiniões, sair e vir, ter amizades, e outras retenções.

Não obstante, diversas hipóteses podem ser levantadas para a permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos. Dentre as quais se destacam, conforme Sinclair (2010): as crenças sociais (estereótipos e regras sociais), ausência de recursos/respostas da comunidade (respostas sociais que a pessoa agredida alcançará da comunidade a qual está inserida e déficits de recursos pessoais para deixar a relação violenta) e experiência psicossocial (experiência pessoal social e psicológica que reforçam a vitimização da mulher). Essas questões podem ser compreendidas pela construção histórico-cultural do gênero, onde, na sociedade, os cuidados com as tarefas de casa, criação e educação dos filhos eram de exclusividade da mulher (DATILLIO, 2011; TEIXEIRA, 2015), o que ainda está sendo (des)construído na sociedade contemporânea.

Além dos fatores citados anteriormente, as crenças pessoais que as mulheres têm sobre si mesmas, seus parceiros e relação – tríade cognitiva (cf. BECK, 2013; KNAPP; BECK, 2008; BECK; HAIGH, 2014) também são indicadores de manutenção de um relacionamento violento. Desse modo, assim como os pensamentos podem determinar a permanência (comportamentos) da mulher na relação abusiva, eles podem proporcionar sentimentos de

afeição (emoções) pelo agressor por meio da compreensão de que ele a ama e que aquele é apenas um momento difícil.

Dattilio (2011) afirma que nas relações familiares os parceiros podem ser influenciados mutuamente pelas respostas cognitivas, emocionais e comportamentais um do outro, sendo que cada parceiro desenvolve um esquema específico para a relação. Assim, quanto maior a quantidade de erros cognitivos (distorções cognitivas), mais dificuldades e prejuízos a relação conjugal pode apresentar. Para esse autor, as mulheres em situação de violência indicam crenças (distorcidas) específicas, que são resultantes de normas sociais e pessoais a respeito dos relacionamentos afetivos (e. g. incapacidade de viver sem o parceiro).

Algumas dessas crenças, que a mulher pode apresentar, nesse tipo de relação, são ilustradas por Dattilio e Padesky (1990): “‘Isso não acontecerá novamente’, ‘Eu não posso fazer isso sozinha, então não tenho escolha a não ser suportar isso’, ‘Eu fiz algo para merecer isso’, ‘Estamos casados então eu tenho que aguentar isso’, ou ‘ele estava bêbado por isso este não é um problema sério’” (p. 85). Além da mulher,

o agressor ressentido a vítima, distorcidamente atribuindo à vítima parte da responsabilidade pela violência, e argumentando que a vítima poderia, por exemplo, ter se esquivado da discussão, antes que o nível emocional atingisse uma intensidade ameaçadora, ou ter deixado o local quando ele, o agressor, pediu (SERRA, 2011, p. 732).

Outras crenças que as mulheres podem apresentar, ao tentar denunciar os comportamentos violentos do parceiro, são: “perderei o parceiro que amo!”, “ele não era assim no começo, acredito que ele pode mudar!”, “Se eu denunciar vou perder a chance de manter minha família!”, “caso eu denuncie, ele pode me matar/machucar/ferir!”, “Ele pode prejudicar minha família!”, “Caso eu o perca, não terei sustento financeiro!”, “O que as pessoas irão pensar de mim, caso eu denuncie meu marido?”, e outras. Como recurso para intervenção nesse tipo de problema conjugal, os autores indicam o treino de habilidades sociais juntamente com estratégias de reestruturação cognitiva para os pensamentos distorcidos (BAUCOM; EPSTEIN; LA TAILLADE; KIRBY, 2008; CARDOSO, 2016; DATTILIO, 2011; DATTILIO; PADESKY, 1990).

Essas crenças estão diretamente relacionadas ao que diversos autores apontam como: dificuldades financeiras, os cuidados com filhos, poucos relacionamentos alternativos, promessas de mudança do agressor, medo de retaliação por parte do agressor e pressões

sociais (BELL; NAUGLE, 2005; BROOKOFF; O'BRIEN; COOK; THOMPSON; PINHEIRO; WILLIAMS, 2010; MURTA; RAMOS; TAVARES; CANGUSSÚ; COSTA, 2014; SHOREY, TIRONE, NATHANSON; HANDSEL; RHATIGAN, 2012; SHORT et al., 2000). Em contrapartida, os fatores citados anteriormente estão estritamente vinculados com um vasto ou deficitário repertório de habilidades sociais.

Essas habilidades podem ser treinadas e o suporte social é um fator essencial para auxiliar as mulheres na mudança de relações violentas (ZAPOR; WOLFORD-CLEVINGER; JOHNSON, 2015). Para esses autores, as intervenções que foram eficazes na redução do abuso estavam embasadas na capacitação das mulheres em reconhecer possíveis ameaças a sua integridade física ou emocional.

Canaan (2015, p. 64) destaca que “as mulheres com déficits em autonomia afetiva e econômico-financeira costumam também apresentar déficits em habilidades sociais”. A permanência no relacionamento abusivo compreende fatores diretamente relacionados aos déficits de assertividade na expressão e asseguramento de seus direitos, bem como em estabelecer, finalizar relacionamentos e avaliar o nível de elementos reforçadores na relação. Del Prette e Del Prette (2012, p. 166) propõem que “muitos dos problemas conjugais [...] têm suas origens nos déficits interpessoais e nas dificuldades generalizadas de expressão de sentimentos positivos” e destacam a importância do THS de comunicação, negociação, expressão de sentimentos e resolução de problemas para uma relação conjugal satisfatória e prevenção de conflitos conjugais, assumindo, dessa maneira, um fator protetivo de violência contra mulher perpetrada por parceiro íntimo.

O estudo de Villa e Del Prette (2013) propôs uma análise das habilidade sociais conjugais em diversas populações de casais, contudo, não há dados sobre a população de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. Assim, nota-se a relevância de pesquisar o repertório dessas habilidades e de satisfação conjugal com esse público. Têm-se como hipóteses que (1) o repertório de habilidades sociais conjugais dessas mulheres é deficitário e (2) o nível de insatisfação conjugal é elevado, contudo pode haver situações de satisfação – o que pode contribuir para a manutenção da relação.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

- ✓ Analisar as habilidades sociais, satisfação conjugal e formas e grau de violência contra mulher perpetrada por parceiro íntimo.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

- ✓ Identificar os tipos e graus de violências;
- ✓ Avaliar o nível de satisfação conjugal;
- ✓ Caracterizar classes e subclasses de habilidades sociais;
- ✓ Correlacionar as variáveis “satisfação conjugal”, “habilidades sociais” e, “forma/grau de violência”.

## **4. MÉTODO**

Este estudo norteia-se de acordo com os pressupostos do Conselho Nacional de Saúde em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 466 de 12 de Dezembro de 2012) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão sob protocolo CAAE: 57294116.2.0000.5087.

### **4.1. Delineamento da pesquisa**

Trata-se de um estudo de levantamento e correlação, com natureza quanti-qualitativa, com objetivo de descrever e prever a relação entre variáveis. Esse tipo de estudo permite compreender os fenômenos e se utiliza de indicadores numéricos e percentuais sobre as variáveis pesquisadas (DANCEY; REIDY, 2013).

### **4.2. Caracterização da amostra**

Após aprovação da diretoria do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência – Casa da Mulher (CRAM) (APÊNDICE A), participaram dessa pesquisa 23 mulheres maranhenses que tinham registro no referido centro, localizado em São Luís-Maranhão. Foram selecionadas aquelas mulheres que demonstraram interesse e disponibilidade para responder os instrumentos, de acordo com os critérios de inclusão: ser maior de 18 anos, ter registro no CRAM, sofrer violência por parceiro íntimo.

A idade das entrevistadas variou de 23 a 55 anos, com média de 35,74 (DP=8,9). Os dados sociodemográficos coletados foram extraídos do “formulário de identificação da mulher”, utilizado no CRAM. As informações retiradas foram: (a) idade, (b) estado civil, (c) escolaridade, (d) religião, (e) etnia, e (f) faixa salarial (cf. Tabela 1).

	Variáveis	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Estado Civil	Casada	1	4,3
	Divorciada	2	8,7
	Namoro	2	8,7
	Separada de corpos	5	21,7
	Separada judicialmente	1	4,3
	União estável	12	52,2
Escolaridade	Fund. Incompleto	7	30,4
	Fundamental	2	8,7
	Médio Incompleto	3	13
	Médio	8	34,8
	Sup. Incompleto	2	8,7
	Superior	1	4,3
Religião	Católica	13	56,5
	Evangélica	9	39,1
	Nenhuma	1	4,3
Etnia	Branca	5	21,7
	Morena	3	13
	Parda	12	52,2
	Preta	3	13
Faixa salarial	Menos de um salário mínimo	6	26,1
	Um salário mínimo	5	21,7
	Mais de um salário mínimo	5	21,7
	Sem renda	7	30,4

Tabela 1. Dados sociodemográficos da amostra de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que as mulheres em situação de violência, em sua maioria, estão em uma união estável, tem o ensino médio completo, religião católica, e não possuem renda ou vivem com menos de um salário mínimo. Destaca-se que, quanto à etnia, a maior parte das mulheres declaram-se pardas.

### 4.3. Local da pesquisa

A coleta de dados ocorreu em uma das salas do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência – Casa da Mulher (CRAM), localizado na cidade de São Luís - Maranhão. A sala cedida para pesquisa continha cadeiras de plástico, ambiente climatizado, mesa para apoio dos instrumentos, e permanecia à certa distância das outras salas, o que garantia o sigilo das informações, sem facilitar o vazamento de ruídos.

#### 4.4. Instrumentos e Materiais

Esta pesquisa utilizou três instrumentos que avaliaram (a) “forma e grau de violência perpetrada por parceiro íntimo”, (b) “satisfação conjugal”, e (c) “habilidades sociais conjugais”.

##### *Questionário sobre forma e grau de violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo*

Trata-se de um instrumento de autorrelato, construído por Almeida (2013), que investiga forma e grau de violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo. O questionário apresenta 36 itens, que se divide em cinco fatores que apresentam valor de *alpha de Cronbach* satisfatório: (a) violência física ( $\alpha = 0,93$ ), (b) violência psicológica ( $\alpha = 0,90$ ), (c) violência sexual ( $\alpha = 0,96$ ), (d) violência envolvendo humilhação ( $\alpha = 0,94$ ) e (e) violência envolvendo ameaças ( $\alpha = 0,89$ ), o que indica precisão por consistência interna do instrumento. Destaca-se que segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) a “violência envolvendo humilhação” e “violência envolvendo ameaças” também se caracterizam como “violência psicológica”, sendo que este último pode implicar em um fator de ordem superior entre esses três fatores.

O questionário é composto por frases que descrevem formas de violência no contexto dos relacionamentos entre parceiros íntimos e pode ser pontuado conforme a frequência que as situações de violência acontecem com as respondentes. A escala de pontos indica (1) nunca, (2) raramente, (3) algumas vezes, (4) maioria das vezes, (5) sempre. Deste modo, a pontuação mínima obtida no instrumento refere-se ao número de itens do instrumento (36) e a pontuação máxima corresponde à quantidade de itens multiplicado pelo número máximo de ocorrência (180) e o ponto central corresponde ao número que está no intervalo exato entre os dois eixos (108).

##### *Escala de Satisfação Conjugal (ESC – Dela Coleta)*

A Escala de Satisfação Conjugal (DELA COLETA, 1989) foi desenvolvida originalmente para população espanhola por Weiss e Palos (1988), traduzida para o Brasil por Dela Coleta, em 1989. Este instrumento apresenta 24 itens, cada um com três opções de escolha: “eu gosto como tem sido” (1 ponto), “eu gostaria que fosse um pouco diferente” (2 pontos), e “eu gostaria que fosse muito diferente” (3 pontos). Os itens do instrumento avaliam de forma inversa (ou seja, quanto maior a pontuação menor o nível) a satisfação com aspectos emocionais do cônjuge (05 itens), satisfação com a interação conjugal (10 itens) e a satisfação

com a forma de organização, de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge (09 itens).

Devido ao instrumento também não apresentar manual de correção, foi adotado o mesmo método de avaliação utilizado no questionário apresentado anteriormente. O sistema de pontuação mínima corresponde ao número de itens que a escala obtém (24) e a máxima corresponde ao número de itens multiplicado pela quantidade máxima de pontuação (72). O ponto central corresponde a 48, indicando a média obtida no instrumento. A versão do instrumento para o português apresentou o coeficiente *alpha de Cronbach* satisfatório tanto na sua totalidade ( $\alpha = 0,91$ ), quanto nas subescalas de avaliação de “Aspectos Emocionais” ( $\alpha = 0,81$ ), “Interação Conjugal” ( $\alpha = 0,86$ ) e “Aspectos Estruturais” ( $\alpha = 0,79$ ).

#### *Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC- Villa & Del Prette, 2012)*

É um instrumento de autorrelato que apresenta propriedades psicométricas e estabilidade temporal satisfatórias (DEL PRETTE; VILLA; FREITAS; DEL PRETTE, 2008), e é composto por 32 itens que descrevem situações interpessoais que envolvem o contexto conjugal, por meio de uma escala de cinco pontos, onde o respondente estima a frequência em que os comportamentos acontecem em dada situação interpessoal no casal. Os resultados são obtidos por cinco fatores: (a) F1 - expressividade/empatia ( $\alpha = 0,76$ ), concernente às habilidades de fornecer compreensão e validação aos sentimentos do cônjuge, assim como de comportamentos de civilidade na relação; (b) F2 - auto-afirmação assertiva ( $\alpha = 0,71$ ), que se refere às habilidades de garantia de direitos a expressar pensamentos e sentimentos de forma direta na relação conjugal; (c) F3 - autocontrole reativo ( $\alpha = 0,59$ ), condizente às habilidades de autodefesa e autocontrole frente a situações com potencial estressor, resguardando o relacionamento; (d) F4 - autocontrole proativo ( $\alpha = 0,56$ ), habilidade de avaliar as alterações em si e no parceiro que potencialmente podem estremecer a relação, e controlar-se frente essas situações a fim de manter uma boa comunicação e compreender o outro; e (e) F5 - conversação assertiva ( $\alpha = 0,57$ ), referente à habilidade de fazer pedidos ao parceiro, quanto aos acordos conjugais e reagir de forma assertiva quanto aos comportamentos do cônjuge. A análise *Alpha de Cronbach* para o conjunto desses itens é igual a 0,82, indicando consistência interna.

A interpretação dos itens deste instrumento é realizada de acordo com os resultados dos escores totais e fatoriais que avaliam o repertório de habilidades sociais conjugais em deficitários (percentil abaixo de 25), mediano ou próximo à média (percentil acima de 25 e inferior à 75), e muito elaborado (percentil acima de 75). Os resultados obtidos nesse

instrumento auxiliam no planejamento de intervenções focais no contexto dos relacionamentos conjugais e no mapeamento de recursos existentes pelos cônjuges (VILLA; DEL PRETTE, 2012).

#### **4.5. Procedimento de coleta de dados**

O pesquisador utilizou o local selecionado para convidar as participantes em potencial identificando-se e apresentando os objetivos da pesquisa e possíveis contribuições que ela poderia trazer para a compreensão da temática. Após convite do pesquisador e aceite das usuárias em participar da pesquisa, foi apresentado o TCLE que foi assinado em duas vias, sendo uma via entregue à participante e outra permaneceu com o pesquisador responsável. Os aspectos éticos quanto ao sigilo e demais informações foram ratificados e enfatizados. Em seguida, o entrevistador realizou a coleta, individualmente, com as mulheres, em três momentos. No primeiro, elas responderam ao Questionário sobre a forma e grau de violência praticada por parceiro íntimo, no segundo, responderam a Escala de Satisfação Conjugal e, por fim, o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais.

As dúvidas foram sanadas com o pesquisador durante a pesquisa. Após a aplicação, foram identificados nos documentos de registro do CRAM, os dados sociodemográficos das participantes, a fim de caracterizar a amostra (cf. Tabela 1). O tempo utilizado para cada entrevista variou entre 25 a 50 minutos. Ao final da entrevista, o pesquisador agradecia a participação e recolhia os instrumentos em uma pasta.

#### **4.6. Procedimento de análise dos dados**

As respostas foram digitadas em uma planilha no programa *Statistical Package for Social Science* (versão 20.0), onde foram realizadas análises estatísticas descritivas por meio do cálculo de médias, desvios padrão (DP), percentis, pontos centrais e da apresentação de frequências de respostas. O cálculo do ponto central (PC) serviu de parâmetro para interpretação da média dos resultados do “*Questionário sobre forma e grau de violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo*” e da “*Escala de Satisfação Conjugal*”, por tratar de instrumentos que ainda não apresentam manual de correção e não utilizarem o zero como valor mínimo obtido nas suas escalas de respostas. Esse método trata-se de atribuir um valor central para traçar um parâmetro entre as respostas obtidas pelas entrevistadas.

As análises estatísticas inferenciais também foram realizadas de acordo com os escores obtidos nos instrumentos a fim de correlacionar as variáveis “habilidades sociais”, “violência”, e “satisfação conjugal”. Para essa análise foi realizada correlação de postos de

*Spearman* ( $\rho$ ) e adotado o tamanho de efeito de correlações conforme Dancey e Reidy (2013): fracas = 0,1 a 0,3, moderadas = 0,4 a 0,6, fortes = 0,7 a 0,9. Esse tipo de análise foi selecionado pois, segundo esses autores, é melhor indicada para situações em que os dados não satisfazem as condições dos testes paramétricos ou ainda quando o número de participantes da pesquisa é pequeno.

## 5. RESULTADOS

Os dados obtidos neste estudo serão apresentados em seis tópicos. Inicialmente serão indicados os resultados de caracterização dos tipos, grau e forma de violência sofrida por parceiro íntimo descritas pelas mulheres entrevistadas. Em seguida, será caracterizado o nível de satisfação conjugal e o repertório de habilidades sociais conjugais dessas mulheres. No decorrer dos resultados serão apresentados os dados dos coeficientes de correlação  $\rho$  de Spearman para os construtos “habilidades sociais conjugais”, “violência contra a mulher por parceiro íntimo” e “satisfação conjugal”.

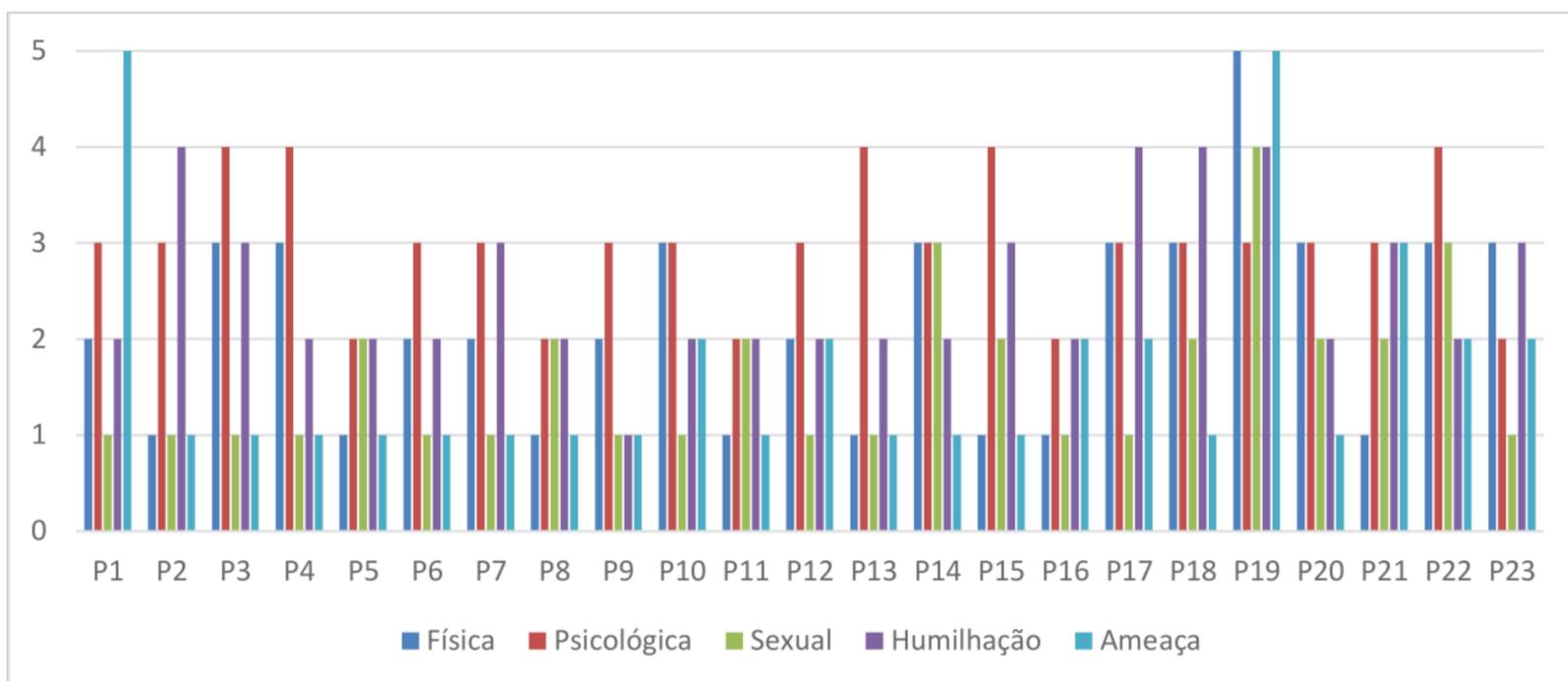
### 5.1. Análise descritiva da forma e grau de violência por parceiro íntimo

Os dados de caracterização obtidos na população investigada indicaram predominância de situações de violência, em sua maioria, acima da média (cf. Tabela 2). Na avaliação do construto geral, a violência obteve média de 83,04 (DP=19,77) indicando que no quesito total as situações de violência estavam abaixo do padrão mediano (PC=108).

Variáveis	Mínima	Ponto Central	Máxima	Média (DP)
Violência Física	8	24	39	17,52 (7,52)
Violência Psicológica	12	24	32	23,56 (5,79)
Violência Sexual	7	21	30	11,26 (5,57)
Violência Envolvendo Humilhação	14	30	36	24 (7,17)
Violência Envolvendo Ameaça	3	9	15	6,69 (3,49)
Violência	52	108	147	83,04 (19,77)

Tabela 2. Caracterização das formas e grau de violência por parceiro íntimo

Não obstante, os demais dados do instrumento, quanto às formas de violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo, indicaram médias de 17,52 (DP=7,72) para violência física; 23,56 (DP=5,79) para violência psicológica; 11,26 (DP=5,57) para violência sexual; 24 (DP=7,17) para violência envolvendo humilhação; e 6,69 (DP=3,49) para violência envolvendo ameaça. Desses dados, a violência psicológica esteve mais próxima do padrão estabelecido por meio de cálculo de PC.



Nota: 1 – nunca, 2 – raramente, 3 – algumas vezes, 4 – maioria das vezes, 5 – sempre

Figura 2. Frequências de respostas por tipo e grau de violência por parceiro íntimo

Quanto à frequência das respostas, por cada participante da pesquisa, houve variação quanto ao grau de violência sofrido pelas entrevistadas (Figura 2). A mulher P19 indicou os níveis mais elevados em todas as formas de violência, sinalizando que sofre todos os tipos de violência por seu parceiro, de acordo com os itens do instrumento, sempre ou na maioria das vezes. Por outro lado, as mulheres P16, P11, P8, P5 obtiveram resultados que indicam acometimento desses mesmos tipos de violências em frequência menor. As demais participantes apresentaram respostas diversas quanto aos itens avaliados no instrumento.

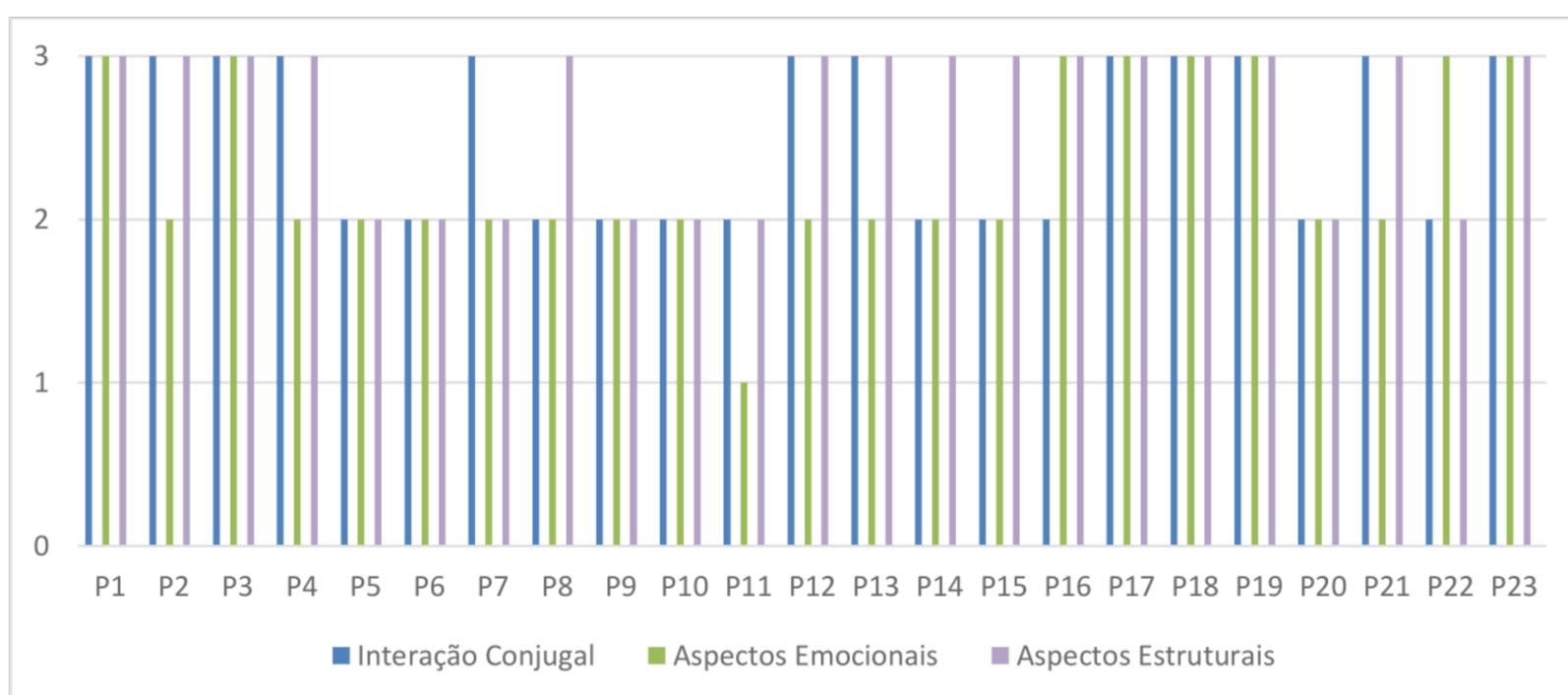
## 5.2. Análise descritiva do nível de satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo

Em relação ao nível total de insatisfação conjugal (cf. Tabela 3), as mulheres apresentaram média 59,83 (DP=8,47) e estiveram acima do PC=48. Quanto aos fatores específicos do instrumento, interação conjugal obteve média 24,61 (DP=4,54); aspectos emocionais 12,09 (DP=1,95) e aspectos estruturais 23,13 (DP=3,05). Todos os fatores estiveram acima do padrão estabelecido por meio do cálculo de pontos centrais, indicando insatisfação conjugal acima da média.

Variáveis	Ponto Central	Mínima	Máxima	Média (DP)
<b>Interação Conjugal</b>	20	17	30	24,61 (4,54)
<b>Aspectos Emocionais</b>	10	7	15	12,09 (1,95)
<b>Aspectos Estruturais</b>	18	18	27	23,13 (3,05)
<b>Satisfação Conjugal</b>	48	45	72	59,83 (8,47)

Tabela 3. Nível de insatisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo

De acordo com os fatores da escala de satisfação conjugal, nota-se predominância na resposta “gostaria que fosse muito diferente” a forma que o parceiro lida com os aspectos estruturais da relação, tendo 15 participantes indicado insatisfação com esse aspecto (cf. Figura 3).



Nota: 1 – gosto como tem sido, 2 – gostaria que fosse um pouco diferente, 3 – gostaria que fosse muito diferente

Figura 3. Frequências de respostas para insatisfação conjugal de mulheres em situação de violência

Na análise dos demais fatores, 12 mulheres gostariam que fosse muito diferente a forma que o parceiro lida com a interação conjugal e 14 mulheres gostariam que o parceiro agisse de forma um pouco diferente em relação aos aspectos emocionais da relação. Na análise de médias dos itens, por fatores, apenas uma mulher (P11) indicou que estava satisfeita com a forma que o parceiro lida com os aspectos emocionais na relação. No geral, houve níveis elevados de insatisfação com o parceiro e relação conjugal.

### 5.3. Análise descritiva do repertório de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo

A Tabela 4 apresenta os dados descritivos do escore total e dos escores fatoriais obtidos no IHSC, por meio do cálculo estatístico de mínimas, máximas, médias (DP) e percentis de mulheres em situação de violência.

Variáveis	Mínima	Máxima	Média (DP)	Percentis
Expressividade/Empatia	,0	32,0	16,00 (9,22)	10
Autoafirmação assertiva	,0	36,0	16,69 (7,23)	10
Autocontrole reativo	,0	16,0	8,34 (3,19)	30
Autocontrole proativo	,0	12,0	5,17 (3,52)	25
Conversação assertiva	,0	16,0	11,56 (3,24)	40
Habilidades Sociais	,0	128,0	66,00 (21,54)	5

Tabela 4. Caracterização das classes de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo

Como pode ser observado na tabela, as mulheres em situação de violência por parceiro íntimo, em sua média 66,00 (DP=21,54), se autoavaliaram com um repertório total deficitário de habilidades sociais conjugais, que corresponde ao quinto percentil inferior da amostra normativa global do manual de aplicação do IHSC-Villa&Del-Prette, nesse caso, sendo indicadas para treinamento de habilidades sociais. Em relação aos escores fatoriais, pode ser observado que os Fatores F1. Expressividade/Empatia, F2. Autoafirmação Assertiva e F4. Autocontrole Proativo também apresentam escore médio deficitário, enquanto os fatores F3. Autocontrole Reativo e F5. Conversação Assertiva apresentam escores médio inferior dessas habilidades.

### 5.4. Análise correlacional entre habilidades sociais conjugais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência praticada por parceiro íntimo

Os dados obtidos por meio do coeficiente de correlação de postos de Spearman (cf. Tabela 5) evidenciou que a insatisfação conjugal se correlacionou significativamente com o fator expressividade/empatia de forma negativa e moderada, indicando que quanto maior o nível de insatisfação conjugal, menor ocorrência de habilidades de expressividade/empatia.

Nas subescalas de satisfação conjugal, os fatores “interação conjugal” e “aspectos emocionais”, também se correlacionaram negativa e moderadamente com as habilidades de expressividade/empatia. Esses dados mostram que quanto maior a insatisfação com os aspectos emocionais e com a interação conjugal, menores as habilidades sociais de expressividade/empatia.

Indicadores		Interação Conjugal	Aspectos Emocionais	Aspectos Estruturais	Satisfação Conjugal
<b>Expressividade/</b>	Coefficiente $\rho$	<b>-,453*</b>	<b>-,574**</b>	-,250	<b>-,466*</b>
<b>Empatia</b>	Significância	<b>,030</b>	<b>,004</b>	,250	<b>,025</b>
<b>Autoafirmação</b>	Coefficiente $\rho$	-,149	-,079	-,179	-,116
<b>assertiva</b>	Significância	,496	,720	,413	,599
<b>Autocontrole reativo</b>	Coefficiente $\rho$	-,152	-,217	,014	-,135
	Significância	,488	,319	,951	,538
<b>Autocontrole proativo</b>	Coefficiente $\rho$	-,260	<b>-,524*</b>	-,240	-,373
	Significância	,230	<b>,010</b>	,270	,080
<b>Conversação assertiva</b>	Coefficiente $\rho$	<b>,727**</b>	<b>,520*</b>	,349	<b>,596**</b>
	Significância	<b>,000</b>	,011	,103	<b>,003</b>
<b>Habilidades Sociais Conjugais</b>	Coefficiente $\rho$	-,348	<b>-,468*</b>	-,219	-,377
	Significância	,104	<b>,024</b>	,316	,076

Nota \*p< 0.05; \*\*p< 0.01.

Tabela 5. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$  de Spearman) para satisfação conjugal e habilidades sociais conjugais

Por outro lado, a insatisfação conjugal se correlacionou positiva e moderadamente com as habilidades de conversação assertiva. Assim, quanto mais habilidades de conversação assertiva, maior o nível de insatisfação conjugal.

O repertório total de habilidades sociais conjugais e a classe de “autocontrole proativo” correlacionaram-se moderada e negativamente com os aspectos emocionais da satisfação conjugal das mulheres, indicando que quanto maior a ocorrência de habilidades de autocontrole proativo, menor o nível de insatisfação conjugal. Já a “conversação assertiva” apresentou correlação positiva e forte com o fator “interação conjugal” e moderada com a satisfação conjugal total. Assim, quanto mais habilidades de conversação assertiva maior a insatisfação conjugal com a interação conjugal e insatisfação conjugal total.

### 5.5. Análise correlacional entre satisfação conjugal e situações de violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo

Os resultados de correlação entre insatisfação conjugal e situações de violência indicaram que os aspectos emocionais e violência física estiveram correlacionados de forma moderada e positiva (cf. Tabela 6). Assim, quanto maior o nível de violência física, maior o nível de insatisfação conjugal.

Indicadores		Interação Conjugal	Aspectos Emocionais	Aspectos Estruturais	Satisfação Conjugal
<b>Física</b>	Coeficiente $\rho$	,271	<b>,563**</b>	,218	,367
	Significância	,210	<b>,005</b>	,318	,085
<b>Psicológica</b>	Coeficiente $\rho$	,344	,180	,123	,230
	Significância	,108	,411	,577	,290
<b>Sexual</b>	Coeficiente $\rho$	-,227	,145	-,059	-,147
	Significância	,297	,509	,789	,504
<b>Humilhação</b>	Coeficiente $\rho$	<b>,675**</b>	<b>,510*</b>	,412	<b>,623**</b>
	Significância	<b>,000</b>	<b>,013</b>	,051	<b>,001</b>
<b>Ameaça</b>	Coeficiente $\rho$	,373	<b>,516*</b>	<b>,533**</b>	<b>,530**</b>
	Significância	,080	<b>,012</b>	<b>,009</b>	<b>,009</b>
<b>Violência</b>	Coeficiente $\rho$	<b>,465*</b>	<b>,667**</b>	,376	<b>,523*</b>
	Significância	<b>,026</b>	<b>,001</b>	,077	<b>,010</b>

Nota \* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ .

Tabela 6. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$  de Spearman) para satisfação conjugal e violência contra mulher por parceiro íntimo

Do mesmo modo, interação conjugal, aspectos emocionais e satisfação conjugal estiveram correlacionadas de forma moderada e positiva com a violência envolvendo ameaça. Logo, quanto maior o nível de violência envolvendo ameaça, maior a insatisfação conjugal total, com a interação conjugal e com os aspectos emocionais.

Interação conjugal, aspectos emocionais e insatisfação conjugal total também estiveram correlacionados de forma moderada e positiva com as situações gerais de violência. Assim, quanto mais situações de violência por parceiro íntimo, mais insatisfação a mulher apresenta com a interação conjugal, aspectos emocionais e insatisfação conjugal total.

## 5.6. Análise correlacional entre habilidades sociais conjugais e situações de violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo

Os resultados de  $\rho$  de Spearman para “violência sexual e autoafirmação assertiva” e “situações de violência e autocontrole proativo” estiveram moderada e negativamente correlacionados (cf. Tabela 7). Destarte, quanto mais situações de violência ocorrem, menor a ocorrência de habilidades sociais de autocontrole proativo e quanto mais situações de violência sexual acontecem, menor as habilidades de autoafirmação assertiva das mulheres.

Indicadores		Física	Psicológica	Sexual	Humilhação	Ameaça	Violência
<b>Expressividade/ Empatia</b>	Coeficiente $\rho$	-,171	-,204	,031	-,221	-,163	-,203
	Significância	,434	,350	,887	,312	,458	,352
<b>Autoafirmação assertiva</b>	Coeficiente $\rho$	,279	-,159	<b>-,460*</b>	-,274	,033	-,193
	Significância	,197	,470	<b>,027</b>	,206	,881	,378
<b>Autocontrole reativo</b>	Coeficiente $\rho$	-,347	-,175	,176	0,81	-,266	-,004
	Significância	,105	,425	,421	,713	,220	,987
<b>Autocontrole proativo</b>	Coeficiente $\rho$	-,323	-,209	-,164	-,383	-,387	<b>-,478*</b>
	Significância	,133	,340	,455	,071	,068	<b>,021</b>
<b>Conversação assertiva</b>	Coeficiente $\rho$	,216	,259	,058	<b>,860**</b>	,170	<b>,584**</b>
	Significância	,323	,233	,792	<b>,000</b>	,437	<b>,003</b>
<b>Habilidades Sociais Conjugais</b>	Coeficiente $\rho$	-,110	-,181	-,132	-,281	-,287	-,256
	Significância	,616	,408	,549	,193	,184	,238

Nota \* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ .

Tabela 7. Matriz de correlações e seus respectivos coeficientes ( $\rho$  de Spearman) para habilidades sociais conjugais e violência contra mulher por parceiro íntimo

Por outro lado, foi encontrada correlação forte e positiva entre “violência envolvendo humilhação e conversação assertiva”. Nesse sentido, quanto maior o nível de habilidades de conversação assertiva, maior a ocorrência de violência envolvendo humilhação. As situações de violência geral e conversação assertiva se correlacionaram moderada e positivamente, indicando que quanto mais conversação assertiva maior a ocorrência de violência.

## 6. DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo “analisar as habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo”. Para isso, buscou (a) “identificar tipo e grau de violência”, (b) “avaliar o nível de satisfação conjugal”, (c) “caracterizar classes e subclasses de habilidades sociais conjugais”, e (d) “correlacionar as variáveis de ‘satisfação conjugal’, habilidades sociais’, e ‘tipo e grau de violência’”. Nesta seção, serão discutidos os resultados a partir da ordem dos objetivos.

Inicialmente, foi notado que os níveis mais elevados de situações de violência pelas quais as mulheres entrevistadas indicaram, foi de natureza psicológica. Esse tipo de violência abrange, segundo a Lei “Maria da Penha” (BRASIL, 2006), os fatores “violência psicológica”, “violência envolvendo humilhação” e “violência envolvendo ameaça” que estão contidos no questionário sobre grau e tipo de violência contra a mulher por parceiro íntimo. Esse tipo de violência ainda é menos enfatizada quando comparada à violência física, contudo, estudo documental realizado por Gadoni-Costa, Zucatti e Dell’aglio (2011) em um serviço de psicologia de uma delegacia da mulher, identificou que as situações de violência psicológica afetam diretamente a vítima e as pessoas que convivem com ela. A violência psicológica pode desencadear uma série de prejuízos, aos quais destacam-se os cognitivos (pensamentos negativistas quanto a si mesma, os outros e o seu futuro), emocionais (baixa autoestima, depressão, medo, vergonha) e interpessoais (isolamento social) para a mulher, que as impedem de manter um padrão de qualidade de vida satisfatório (PINHEIRO; WILLIAMS, 2010). Além disso, esse tipo de violência pode apresentar maior incidência quando associado ao uso de substâncias psicoativas pelos agressores, como encontrado no mesmo estudo de Gadoni-Costa, Zucatti e Dell’aglio (2011, p. 225), onde “os agressores usuários de álcool/drogas apresentam 124,0% mais chance de cometer violência psicológica contra a mulher quando comparados com os não usuários” – dado que foi confirmado no período de entrevista com 11 mulheres.

Os relatos sobre violência sexual apareceram com menor frequência nos resultados do instrumento, mesmo quando esse tipo de agressão era o motivo de denúncia, que constava no protocolo de identificação da CRAM. Para esse dado, pode-se supor a vergonha da mulher em falar sobre esse tipo de violência para outra pessoa. Esse tipo de sentimento vinculado ao medo e crenças distorcidas também dificultam que a mulher procure ajuda profissional especializada e se mantenha na relação abusiva (MURTA; RAMOS; TAVARES; CANGUSSÚ; COSTA, 2014). De acordo com diversos autores (KRUG et al., 2002;

SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; FRANÇA-JUNIOR, 2008; SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; FRANÇA-JUNIOR; DINIZ; PORTELLA; LUDERMIR; VALENÇA; COUTO, 2007) esse tipo de violência pode encontrar-se oculto devido a múltiplas regras culturais e familiares que facilitam a vergonha da mulher em falar sobre a violência sexual. Algumas dessas crenças-regra podem ser: “*ela foi abusada sexualmente, porque provocou!*”, “*Se não tivesse vestido uma roupa como esta, não seria violentada!*”, “*Se estivesse em casa nesse horário, isso não teria acontecido!*”, “*Também, ela optou por ir na festa, claro que aconteceria isso!*”, “*Ela é casada com ele, claro que tem que fazer sexo com ele!*”, “*Se eles são casados, por que ela não quis fazer sexo?*”, “*Ela quis casar com ele, então deve cumprir as ‘regras’ do casamento!*”. Assim, a culpabilização da mulher pelo ato violento pode agravar sentimentos de vergonha da mulher por meio de crenças sexistas (MURTA; SANTOS; NOBRE; ARAÚJO; MIRANDA; RODRIGUES; FRANCO, 2013).

A violência física fez parte de um número considerável de denúncias, mediante o protocolo de caracterização do CRAM. De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde (KRUG et al., 2002), a mulher geralmente denuncia esse ato violento após duas vezes em que um maltrato grave acontece. Assim, nesse intervalo acontece a culpabilização da vítima e a mulher espera que o agressor mude ou retorne a ser a pessoa que era antes da agressão (SINCLAIR, 2010). Desse modo, pode-se considerar que o processo de denúncia dos comportamentos violentos do agressor não ocorre imediatamente devido a, basicamente, quatro tipos de crenças e sentimentos: (1) acreditar que o parceiro vai mudar, (2) pensar que a culpada pelo ocorrido foi a mulher, (3) medo de retaliação por parte do agressor (incluindo outras agressões ou chantagens emocionais) e, (4) vergonha do que a sociedade pode pensar sobre esta situação que ela está vivenciando (DATTILIO, 2011; DATTILIO; PADESKY, 1990).

No que se refere à satisfação conjugal, os resultados da pesquisa mostraram que o nível de insatisfação conjugal das mulheres é elevado. Isso pode ocorrer devido à série de prejuízos psicológicos e físicos que a mulher nessa situação sofre (OMS, 2012). Outros fatores que podem colaborar para esses níveis é ilustrado no instrumento como os comportamentos que a vítima espera que o parceiro tenha na relação, contudo essas ações não ocorrem ou aparecem em frequência inferior à esperada.

Não obstante o nível elevado de insatisfação conjugal, também foram assinaladas respostas em alguns itens do instrumento sobre satisfação com a forma que o parceiro lida com os aspectos emocionais, por algumas respondentes, que permaneciam na relação. Esse dado pode sugerir um possível fator mantenedor da mulher na relação violenta. Para diversos

autores (BELL; NAUGLE, 2005; BROOKOFF; O'BRIEN; COOK; THOMPSON; PINHEIRO; WILLIAMS, 2010; MURTA; RAMOS; TAVARES; CANGUSSÚ; COSTA, 2014; SHOREY, TIRONE, NATHANSON; HANDSEL; RHATIGAN, 2012; SHORT et al., 2000), muitos são os fatores que mantêm a mulher em uma relação violenta, inclusive a satisfação com os aspectos emocionais do parceiro. Além da satisfação com esses aspectos, muitas mulheres podem apresentar dificuldades em abandonar a relação por estarem satisfeitas com outros comportamentos do agressor, como frequência que o parceiro abraça, interesse do parceiro pelo que a mulher faz, palavras “bonitas”, comportamento do parceiro na frente de outras pessoas, o tempo que passam juntos e outros. Acreditar que os comportamentos mencionados anteriormente são o suficiente para um relacionamento, pensar que não encontraria outra pessoa que pudesse compreendê-la, e que estes momentos de agressão acontecem esporadicamente e são suportáveis, pode facilitar a manutenção das relações violentas (DATTILIO, 2011; DATTILIO; PADESKY, 1990; SERRA, 2011).

Além desses resultados, os dados desta pesquisa evidenciaram que o repertório geral de habilidades sociais conjugais de mulheres em situação de violência é classificado como deficitário, necessitando de intervenção. Esse resultado corrobora com o estudo de Murta, Ramos, Tavares, Cangussú e Costa (2014) que indicou que a permanência e a aceitação nas relações abusivas é facilitada pelos déficits de habilidades sociais, que são reforçados por crenças maladaptativas sobre a relação conjugal. Desse modo, “os maus-tratos são vistos como inerentes às relações íntimas e ter um parceiro abusivo (ou parceira abusiva) é melhor do que estar só” (MURTA; RAMOS; TAVARES; CANGUSSÚ; COSTA, 2014, p. 14).

Além dessas questões, déficits em habilidades sociais, juntamente com dificuldades financeiras e emocionais, podem contribuir para a permanência da mulher em uma relação violenta (CANAAN, 2015). Isto posto, o THS se enquadra como uma ferramenta essencial para a promoção de saúde, bem estar conjugal e enfrentamento da violência por parceiros íntimos (CARDOSO, 2016; CARDOSO; DEL PRETTE, s.d).

A análise por fatores reforça que as mulheres em situação de violência por parceiro íntimo também apresentaram repertório deficitário nas habilidades sociais conjugais de “expressividade/empatia”, “autoafirmação assertiva” e “autocontrole proativo”, evidenciando dificuldades quanto a expressar sentimentos e pensamentos na relação conjugal, a garantir seus direitos à individualidade na relação, demonstrar compreensão empática, reconhecer os sinais de alteração fisiológica em si e no outro. Esses tipos de déficits corroboram para situações de conflito entre os parceiros, que não utilizam de estratégias adequadas para a resolução de problemas como: reconhecer locais e tempo para discutir as situações,

demonstrar apoio, manter controle das emoções e outras (CARDOSO, 2016; GOTTMAN; RUSH, 1995; PLESSIS; CLARKE, 2008; VILLA; DEL PRETTE, 2012). Ademais, o déficit em habilidades metacognitivas (em relação a não pensar sobre seus próprios pensamentos e comportamentos na relação) pode favorecer o desgaste do relacionamento conjugal (DATTILIO, 2011; DATTILIO; PADESKY, 1990).

Por outro lado, o repertório de habilidades sociais conjugais de “autocontrole reativo” e “conversação assertiva” estiveram classificados, mediante resultados de amostra normativa, em mediano. Esse resultado descreve a emissão da habilidade, entretanto pode sinalizar não proficiência na emissão dela, já que durante a aplicação dos instrumentos muitas mulheres relataram que preferiam não falar mais com o parceiro, pois o mesmo sempre se comunica por agressões e ofensas verbais. Del Prette e Del Prette (2013a) sinalizam que os déficits de fluência em habilidades sociais podem estar relacionados a uma série de fatores ambientais e pessoais, que dificultam as interações sociais. Esse é o caso das relações violentas entre parceiros íntimos, que apresentam inúmeros prejuízos devido aos déficits em habilidades sociais específicas ao contexto conjugal.

Os déficits de habilidades sociais conjugais também contribuem para níveis elevados de insatisfação conjugal. As correlações encontradas indicam que as habilidades sociais de expressividade/empatia estão em direções opostas à insatisfação conjugal. Assim, quanto mais habilidades de empatia, maior o nível de satisfação conjugal com os aspectos interacionais e emocionais da relação. A não ocorrência dessa habilidade resulta em níveis elevados de insatisfação conjugal. Esses resultados estão em direção semelhante aos estudos de Sardinha, Ferreira e Falcone (2009) e Villa e Del Prette (2013), assinalando a empatia como fator primordial para satisfação conjugal. Em suas dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais (cf. DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014), pode-se considerar que as mulheres em situação de violência acreditam que os seus parceiros não as compreendem (dimensão cognitiva), não sentem mais nada por elas (dimensão afetiva), e não fazem nada para manter a relação (dimensão comportamental).

O nível deficitário de habilidades sociais conjugais e da classe de autocontrole proativo correlacionou-se negativamente com o aumento da insatisfação conjugal. Assim, quando os parceiros não utilizam de habilidades para reconhecer os estágios de alteração fisiológicas e emocionais em si e no outro, processam informações de formas maladaptativas e não reconhecem o momento adequado para conversar sobre a situação. Sendo assim, há uma probabilidade de ocorrer um conflito com maior magnitude (CARDOSO, 2016; GOTTMAN; RUSHE, 1995; PLESSIS; CLARKE, 2008). Deste modo, habilidades de autocontrole

proativo, autoafirmação assertiva e expressividade/empatia podem ser consideradas classes protetivas para as situações de violência. Isso se deve ao fato de que são comportamentos incompatíveis ao desempenho agressivo na relação e contribuem para a qualidade do relacionamento. Enquanto isso, a dificuldade em emitir essas habilidades e a ocorrência de habilidades de forma desajustada/errônea pode facilitar processos de conflitos conjugais, resultando em violência.

Os resultados desta pesquisa indicaram que quanto mais habilidades de conversação assertiva, maior o nível de insatisfação conjugal total e insatisfação com a interação conjugal. Esse dado entra em contraste com o estudo de Teixeira, Pinheiro, Lobato, Gondim e Lima (2015), visto que a assertividade foi identificada por essas autoras como um fator protetivo de relações violentas e melhora na relação conjugal. Como hipótese a esse resultado, levanta-se a possibilidade das mulheres terem tido dificuldades na compreensão dos itens dessa classe de habilidades sociais conjugais. Outra possibilidade parte dos comentários feitos durante a aplicação do instrumento, que se referiam à forma rude, ameaçadora e humilhante do parceiro enquanto conversava com a mulher, sem o uso de comunicação assertiva (direta, sem ferir a parceira e prezando pela qualidade da relação). Assim, muitas mulheres relataram que preferiam que os parceiros não falassem nada ou que não estivessem próximos a elas. Esses dados estão de acordo com o estudo de Cornelius, Shorey e Beebe (2010) que mostrou que a forma inadequada em manter conversação facilitava os processos de conflito conjugal e ampliava situações de violência. Outro fator relevante perpassa a compreensão da natureza das respostas assertivas, passivas e agressivas. Um comportamento pode ser avaliado nesses padrões mediante o contexto cultural em que essas pessoas se inserem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014). No cenário da violência, a mulher que está nessa situação, ao utilizar de respostas de comunicação (assertiva e direta), muitas vezes é punida pelo agressor, mantendo um padrão de relacionamento insatisfatório, como os dados desta pesquisa sinalizam.

As situações de violência total, física e envolvendo ameaça, estiveram relacionadas a níveis elevados de insatisfação conjugal das mulheres, em seus aspectos emocionais e interacionais. Dessa forma, quanto mais situações de violência as mulheres são submetidas, maior o nível de insatisfação conjugal. Esse nível de insatisfação conjugal pode estar relacionado a uma série de prejuízos que as mulheres sofrem, entre os quais se destacam a baixa na autoestima, transtornos psicológicos diversos, prejuízos laborais e outros (DILLON; HUSSAIN; LOXTON; RAHMAN, 2013; MURTA; RAMOS; TAVARES; CANGUSSÚ; COSTA, 2014; OMS, 2012; SHOREY; TIRONE; NATHANSON; HANDSEL; RHATIGAN, 2012).

Contrário aos comportamentos violentos e agressivos na relação encontram-se as habilidades sociais (DEL PRETTE; MURTA; CANGUSSÚ; DEL PRETTE, 2014). Os resultados evidenciaram que quanto mais habilidades sociais de autoafirmação assertiva e autocontrole proativo, menor a ocorrência de situações de violência (geral e sexual). Assim, destaca-se a importância da expressão de sentimentos de forma direta, bem como de habilidades para resolução de problemas e negociação quanto às questões sexuais, para que haja maior nível de satisfação com a relação (CARDOSO, 2016; CARDOSO; DEL PRETTE, s.d; DEL PRETTE; MURTA; CANGUSSÚ; DEL PRETTE, 2014; FARAH; SHAHRAM, 2011).

As habilidades de conversação assertiva apontaram maior relação com situações de violência geral e violência envolvendo humilhação. Esse dado difere do que aponta a literatura, visto que as habilidades sociais de assertividade e comunicação são vistas por diversos pesquisadores como essenciais para uma boa relação conjugal e como fator preventivo de desempenhos violentos (GOTTMAN; RUSHE, 1995; TEIXEIRA; PINHEIRO; LOBATO; GONDIM; LIMA, 2015). Contudo, além dos aspectos previamente mencionados sobre a comunicação de forma inadequada na relação conjugal (CORNELIUS; BEEBE, 2010), pode ser que os parceiros não identifiquem locais e/ou momentos adequados para a conversação e resolução dos conflitos conjugais (PLESSIS; CLARKE, 2008), o que resulta em um período de descontrole emocional e consequente humilhação à parceira. Isso facilita os processos de comunicação disfuncionais entre o casal e dificulta o bem estar na relação.

Assim, pode-se dizer que uma boa relação entre os parceiros está fundamentada no repertório de habilidades sociais que cada parceiro tem para lidar com as demandas conjugais. Um vasto repertório de habilidades sociais pode cooperar para o desenvolvimento de relações conjugais socialmente competentes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014) e facilitar a visão pessoal positiva de cada parceiro quanto ao relacionamento, o que cooperaria para um nível maior de satisfação conjugal e menos situações de violência por parceiros íntimos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo mostraram aspectos que auxiliam a identificar e mapear o repertório de habilidades sociais conjugais e de satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. Os dados de caracterização e correlação, permitem concluir que as mulheres em situação de violência, em sua maior parte, apresentam um repertório deficitário de habilidades sociais conjugais e um alto nível de insatisfação conjugal. Esses resultados corroboram aos achados na literatura que indicam as habilidades sociais como recursos para a satisfação conjugal.

As análises de correlação apontaram as habilidades de “expressividade/empatia”, “autoafirmação assertiva” e “autocontrole proativo” como as principais classes que estão em déficits nas mulheres em situação de violência. Assim, nota-se a importância do treinamento de habilidades sociais conjugais específicas para essa população. As principais habilidades que poderiam ser treinadas com essas mulheres referem-se ao aumento da autoeficácia, para reconhecer recursos pessoais de enfrentamento à violência; assertividade, para expressar desagrado e finalizar relacionamentos abusivos (quando assim optarem) e autocontrole nas situações de conflito conjugal.

Esses resultados cooperam para o preenchimento de uma lacuna teórica sobre o repertório de habilidades sociais conjugais em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. Dado que, por se tratar de uma área razoavelmente nova, a literatura sobre essa temática ainda é escassa e pouco ou nada foi encontrado sobre essa temática. Além disso, por tratar-se de um campo relativamente novo no Brasil (habilidades sociais conjugais), nenhum estudo foi desenvolvido nesta perspectiva e esta pesquisa contribui para formulações teóricas e possíveis problematizações futuras sobre outros estudos a serem desenvolvidos.

No que se refere às contribuições profissionais, os resultados deste estudo cooperam para a compreensão das classes de habilidades que são utilizadas pelas mulheres que estão em situação de violência e a relação delas com a satisfação conjugal. Logo, favorece aos profissionais, que atuam diretamente com esse público, subsídios para promover estratégias de intervenção pautadas em habilidades sociais específicas e embasar os processos de manejo de relacionamentos violentos, com as habilidades que as mulheres tem para findar relacionamentos que persistem com agressões.

Nota-se que apesar da violência consistir em um fenômeno complexo, que envolve uma relação entre pelo menos duas pessoas, a tomada de decisão e uso de estratégias para resolução de problemas precisa ser utilizada por uma das partes. Nesse caso, quando o

agressor persiste em agressões, cabe à mulher identificar e reconhecer os limites que devem ser colocados em um relacionamento conjugal, para que haja qualidade de vida e preservação da saúde de ambos. Logo, a identificação de habilidades sociais, que podem ser protetivas e recursos de enfrentamento, é fundamental para a intervenção com esse público.

Os resultados desse estudo também devem ser considerados com as suas limitações. Inicialmente, o número baixo de entrevistadas pode fornecer um resultado pouco representativo em relação a um fenômeno global (violência). Isso ocorreu devido à instabilidade no fluxo de mulheres no centro especializado, assim como ao tempo limitado que as mulheres tinham para completar a bateria de instrumentos, pois geralmente alegavam estar ocupadas ou com pressa para fazer outras atividades. Sugere-se que novas pesquisas sejam feitas e/ou replicadas com um número maior de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo.

Também seria relevante a aplicação de estudos com casais em situação de violência, avaliando, desse modo, tanto a perspectiva da mulher, quanto do agressor. Esses dados poderiam contribuir para formular intervenções específicas no contexto do relacionamento e visualizar quais são as habilidades que se encontram deficitárias (e são utilizadas como resolução de conflitos) por parte do perpetrador.

Outra limitação encontrada nesta pesquisa refere-se à aplicação de alguns instrumentos. O “Questionário sobre forma e grau de violência contra mulher praticada por parceiro íntimo” apresentou alguns atributos que dificultaram a aplicação, devido a ser (1) muito longo, (2) apresentar algumas questões que poderiam convergir em uma só, (3) promover a sensação de estar repetindo a mesma coisa em alguns momentos, (4) carecer de nova análise semântica quanto à redação e validade de conteúdo dos itens, visto que algumas questões eram incompreensíveis de imediato para algumas respondentes e, um item, em específico, foi excluído da análise, pelo autor deste estudo, devido não apresentar propriedades psicométricas satisfatórias para constituir um fator; (6) apresentar o fator “violência sexual” em questões consecutivas (pois parecia ser constrangedor para as respondentes falar sobre elas uma após a outra – o que provavelmente foi ocultado nos dados). Uma possibilidade de aplicação de outro questionário seria o instrumento do estudo World Health Organization Violence Against Women (WHO VAW), que foi validado por Schraiber, Latorre, França Júnior, Segri e D’Oliveira (2010), por meio de estudo transversal em vários países, incluindo o Brasil.

A aplicação do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais também contou com algumas limitações, entre elas, trata-se de um instrumento com (1) muitas questões, e algumas não eram compreendidas pela população investigada, mesmo as que tinham ensino médio

completo; (2) itens inversos que dificultava a compreensão das respondentes quanto à pontuação (era necessário o pesquisador explicar constantemente sobre do que tratava o item); (3) avaliação por frequência de habilidades sociais, pois algumas mulheres apresentavam dificuldades em compreender a forma de mensuração das respostas. Essas limitações indicam oportunidades de novos estudos a serem desenvolvidos. Entre eles, a possibilidade de novas pesquisas com o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais para a população de mulheres (e casais) com escolaridade abaixo do ensino médio.

Por fim, considera-se que uso de habilidades sociais se contrapõe a relacionamentos violentos. Nesse sentido, o treino dessas habilidades, não só para a mulher, mas para o casal, pode se constituir como ferramenta essencial para o desenvolvimento de relacionamentos socialmente competentes, pautados no respeito ao outro e ampliação da satisfação conjugal. Esta pesquisa serve como propulsora para novos estudos que podem ser realizados no campo das habilidades sociais conjugais. Levando-se em consideração os aspectos deficitários dessas habilidades que podem cooperar para desempenhos violentos ou, até mesmo, permanência em uma relação abusiva.

## REFERÊNCIAS

ANDA, R. F. et al. Abused boys, battered mothers, and male involvement in teen pregnancy. **Pediatrics**, vol. 107, n. 2, 2001.

ARGYLE, M. **The psychology of interpersonal behavior**. London: Penguin, 1967.

BATMAZ, S. The conceptual foundations of metacognitive therapy. **Journal of Cognitive Behavioral Psychotherapy and Research**, p. 11-17, 2014.

BAUCOM, D. H.; EPSTEIN, N. B.; LA TAILLADE, J. J.; KIRBY, J. S. Cognitive-behavioral couple therapy. In: A. S. GURMAN. **Clinical Handbook of couple therapy** (p. 31-72). New York: Guilford Press.

BECK, A. T. Thinking and depression: II. Theory and therapy. **Achieves of General Psychiatry**, vol. 10, n. 6, p. 561-571, 1964.

BECK, A. T.; HAIGH, A. P. Advances in cognitive theory and therapy: the generic cognitive model. **Annual Review of Clinical Psychology**, vol. 10, p. 1-24, 2014.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática** (2 ed). Porto Alegre: Artmed, 2013.

BELL, M. K.; NAUGLE, A. E. Understanding stay/leave decisions in violent relationships: a behavior analytic approach. **Behavior and Social Issues**, n. 14, p. 21-45, 2005.

BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais: Breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. **Interação (Curitiba) - UFPR**, vol. 6, n. 2, p. 233-242, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T., et al. Habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In: BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs). **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal** (p. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BOLSONI-SILVA, A. T.; NOGUEIRA, S. C.; CARVALHO, L. H. Z. S. O papel da interação terapêutica na intervenção com casal de namorados na prevenção de problemas conjugais: um estudo de caso. In S. G. MURTA; J. S. N. F. BUCHER-MALUSCHKE; G. R. S. DINIZ (Orgs.), **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia**. (p. 283-308). Curitiba: Appris, 2015.

BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicologia em Revista (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, vol. 7, n. 2, p. 227-235, 2002.

BRASIL **Lei Maria da Penha**. Lei Nº. 11. 340, de 7 de Agosto de 2006.

BROOKOFF, D.; O'BRIEN, K.; COOK, C. S.; THOMPSON, T. D.; WILLIAMS, C. Characteristics of participants in domestic violence. **JAMA: Journal of the American Medical Association**, vol. 277, n. 17, p. 1369-1373, 1997.

CABALLO, V. E.; INURTIA, M. J.; SALAZAR I. C. Abordagem cognitiva na avaliação e intervenção sobre habilidades sociais In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações** (p. 67-107). Petrópolis: Vozes, 2013.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento de habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2014.

CANAAN, S. Habilidades sociais, ansiedade, depressão e estresse de mulheres adultas em situação de dependência afetiva e/ou econômica no contexto da violência baseada no gênero. **V Seminário Internacional de Habilidades Sociais**. Pirenópolis: Goiás, 2015.

CARDOSO, B. L. A. **Uma proposta de intervenção cognitivo-comportamental focada em habilidades sociais conjugais** (Monografia de Especialização). Instituto WP, Fortaleza – CE, Brasil, 2016.

CARDOSO, B. L. A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais conjugais: uma revisão da literatura nacional**. Manuscrito em avaliação, s.d.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência: definições e tipologias**. Centro de Ciências da Saúde. **Curso Atenção a homens e mulheres em situação de violência por parceiros íntimos** – Modalidade à Distância. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

CORNELIUS, T. L.; RESSEGUIE, N. Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. **Aggression and Violent Behavior**, n. 12, p. 364–375, 2007.

CORNELIUS, T. L.; SHOREY, R. C.; BEEBE, S. Self-reported communication variables and dating violence; using Gottman's marital communication conceptualization. **Journal of Family Violence**, n. 25, p. 439-448, 2010.

DATTILIO, F. M. **Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e família**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DATTILIO, F. M.; PADESKY, C. **Cognitive therapy with couples**. Sarasota: Professional Resource Press, 1990.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo** (11. ed.). Petrópolis: Vozes, 2014.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: questões conceituais e metodologia da intervenção. In: A. DEL PRETTE; Z. A. P. DEL PRETTE, **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**.

DEL PRETTE, A.; Z. A. P. **Habilidades sociais:** conceitos e campo teórico-prático. Texto online, disponibilizado em <http://www.rihs.ufscar.br/>, 2006.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância:** teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2013a.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais:** diversidade teórica e suas implicações. Petrópolis: Vozes, 2013b.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais:** terapia, educação e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e análise do comportamento: proximidade histórica e atualidades. **Revista Perspectivas**, vol. 1, n. 2, 104-115, 2010.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais: uma área em desenvolvimento. **Psicologia Reflexão e Crítica**, vol. 9, n. 2, p 233-255, 1996.

DEL PRETTE, Z. A. P.; VILLA, M. B.; FREITAS, M. G.; DEL PRETTE, A. Estabilidade temporal do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC). **Avaliação Psicológica**, vol. 7, n. 1, p. 67-74, 2008.

DELA COLETA, M. F. A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. **Psico**, vol. 18, n. 2, p. 90-112, 1989.

DILLON, G.; HUSSAIN, R.; LOXTON, D.; RAHMAN, S. Mental and physical health and intimate partner violence against women: a review of the literature. **International Journal of Family Medicine**, 2013.

DUBE S. R. et al. Exposure to abuse, neglect, and household dysfunction among adults who witnessed intimate partner violence as children: implications for health and social services. **Violence and Victims**, vol. 17, n. 1, p. 3-17, 2002.

FARAH, L. K.; SHAHRAM, V. The effect of sexual skills training on marital satisfaction. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, vol. 30, p. 2581-2585, 2011.

GADONI-COSTA, L. M.; ZUCATTI, A. P. N.; DELL'AGLIO, D. D. Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. **Estudos de Psicologia**, vol. 28, n. 2, p. 219-227, 2011.

GOTTMAN, J; RUSHE, R. Communication and social skills approaches to treating ailing marriages: a recommendation for a new marital therapy called "Minimal Marital Therapy". In: O'DONOHUE, W.; KRASNER, L. (Eds.), **Handbook of psychological skills training: clinical techniques and applications** (p. 287-305). Boston: Allyn and Bacon, 1995.

GRESHAM, F. M. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações** (p. 17-66). Petrópolis: Vozes, 2013.

KRUG, E. G. et al. (eds). **World report on violence and health**, Geneva: World Health Organization, 2002.

MAIA, J. M. D., OLIVEIRA, C. C., GIUSTO, R. O., & WILLIAMS, L. C. A. **Mãe, pai e casal na adolescência: e agora?** Orientações para profissionais da saúde. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MINAYO, M. C. S. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. **Caderno de Saúde Pública**, vol. 20, n. 3, p. 646-7, 2004.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 4, n. 3, p. 513-531, 1998.

MUNOZ-RIVAS, M. J.; GRANA, J. L.; O'LEARY, D. K.; GONZALEZ, M. P. Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. **Journal of Adolescent Health**, n. 40, p. 298-304, 2007.

MURTA, S. G.; RAMOS, C. E. P. L.; TAVARES, T. N. G.; CANGUSSÚ, E. D. A.; COSTA, M. S. F. **Libertando-se de namoros violentos: um guia sobre o abandono de relações amorosas abusivas**. Nova Hamburgo: Sinopsys, 2014.

MURTA, S. G.; SANTOS, B. R. P.; NOBRE, L. A.; ARAÚJO, I. F.; MIRANDA, A. A. V.; RODRIGUES, I. O.; FRANCO, C. T. P. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, vol. 24, n. 2, p. 263-288, 2013.

OLÁZ, F. O. Contribuições da teoria social-cognitiva de Bandura para o treinamento de habilidades sociais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações** (p. 109-148). Petrópolis: Vozes, 2013.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. Washington: Organização Panamericana de Saúde, 2012.

ONU (Organização das Nações Unidas). **Resposta à violência baseada em gênero no Cone Sul: avanços, desafios e experiências regionais, 2011**. (Relatório regional). Disponível em: <[http://www.unodc.org/documents/lpobrazil//Topics\\_crime/Publicacoes/Respostas\\_Violencia\\_Genero\\_Cone\\_Sul\\_Port.pdf](http://www.unodc.org/documents/lpobrazil//Topics_crime/Publicacoes/Respostas_Violencia_Genero_Cone_Sul_Port.pdf)>.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Os efeitos da denúncia da mulher sobre a violência física e psicológica do parceiro agressor. In: WILLIAMS, L. C. A.; MAIA, J. M. D.; RIOS, K. S. A. **Aspectos psicológicos da violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental** (p. 84-91). Santo André: ESETec, 2010.

PLESSIS, K.; CLARKE, D. Couples' helpful, unhelpful, and ideal conflict resolution strategies: secure and insecure attachment differences and similarities. **Interpersona**, n. 2, p. 65-88, 2008.

SALDAÑA, M. R. R.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. In: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B.; QUEIROZ, P. P.; SCOZ, M. C. (Orgs.), **Sobre**

**comportamento e cognição:** contribuições para a construção da teoria do comportamento (p. 269-283). Santo André: ESETec, 2002.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; FRANÇA-JUNIOR, I. F. Violência sexual por parceiro íntimo entre homens e mulheres no Brasil urbano, 2005. **Revista de Saúde Pública**, vol. 42, n. 1, p. 127-137, 2008.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; FRANÇA-JUNIOR, I.; DINIZ, S.; PORTELLA, A. P.; LUDERMIR, A. B.; VALENÇA, O.; COUTO, M. T. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, vol. 41, n. 5, p. 797-807, 2007.

SCHRAIBER, L. B.; O'LATORRE, M. R. D.; FRANÇA JR, I.; SEGRI, N. J.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 658-666, 2010.

SHOREY; R. C.; CORNELIUS, T. L.; BELL, K. M. A critical review of theoretical frameworks for dating violence: comparing the dating and marital fields. **Agression and Violent Behavior**. n. 13, p. 185-194, 2008.

SHOREY, R. C.; TIRONE, V.; NATHANSON, A. M.; HANDSEL, V. A.; RHATIGAN, D. L. A preliminar investigation of the influence of subjective norms and relationship commitment on stages of change in female intimate partner violence victims. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1-22, 2012.

SHORT, L. M. et al. Survivors' identification of protective factors and early warning signs for intimate partner violence. **Violence Against Women**, vol. 6, n. 3, 272-285, 2000.

SINCLAIR, D. Por que a mulher permanece em um relacionamento violento? In: WILLIAMS, L. C. A.; MAIA, J. M. D.; RIOS, K. S. A. **Aspectos psicológicos da violência:** pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental (p. 84-91). Santo André: ESETec, 2010.

TEIXEIRA, C. M. **Assertividade**: escala multimodal e caracterização do repertório de mulheres inseridas no mercado de trabalho (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, Brasil, 2015.

TEIXEIRA, C. M.; PINHEIRO, R. P.; LOBATO, J. L.; GONDIM, L. M. L.; LIMA, V. F. S. A. Assertividade, passividade e agressividade no namoro: um estudo com universitárias de um curso de psicologia (p. 103-122). In: S. G. MURTA; J.S. N. F., BUCHER-MALUSCHKE; G. R. S., DINIZ (Orgs). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015.

TROWER, P. Adult social skills: state of the art and future directions. In: O'DONOHUE, W.; KRASNER, L. (Eds.), **Handbook of psychological skills training**: clinical techniques and applications (p. 54-80). Boston: Allyn and Bacon, 1995.

(UNFPA) FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Direitos da mulher: prevenção à violência e ao HIV/Aids**, 2011. Disponível em: <[http://www.unfpa.org.br/Arquivos/cartilha\\_direitos\\_mulher.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/cartilha_direitos_mulher.pdf)>.

VILLA, M. B. **Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

VILLA, M. B. **Habilidades sociais no casamento**: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005. Recuperado em 2016-01-31, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-22012008-083741/>

VILLA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-VILLA e DEL PRETTE)**: Manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

VILLA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. Marital satisfaction: the role of social skills of husbands and wives. **Paidéia**, vol. 23, n. 56, p. 379-388, 2013.

WOLPE, J. S. **Psychoterapy by reciprocal inhibition**. Stanford: Califórnia/ Stanford University Press, 1958.

(WHA 49.25) WORLD HEALTH ASSEMBLY. **Prevention of violence: a public health priority**, Geneva, 1996.

ZAPOR, H.; WOLFORD-CLEVINGER, C.; JOHNSON, D. M. The association between social support and stages of change in survivors of intimate partner violence. **Journal of Interpersonal Violence**, 2015.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Simone Cunha e Souza, diretora do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência de São Luís (Casa da Mulher) AUTORIZO Bruno Luiz Avelino Cardoso, aluno regularmente matriculado no Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a aplicar os instrumentos (Escala de Satisfação Conjugal, Inventário de Habilidades Sociais, Inventário de Habilidades Sociais Conjugais) e realizar entrevista com as mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo que fazem acompanhamento nessa instituição, para a realização do Projeto de Pesquisa “Habilidades Sociais e Satisfação Conjugal em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo”, que tem por objetivo primário “analisar a relação entre habilidades sociais (gerais e conjugais) e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo”.

O pesquisador acima qualificado se compromete a:

- 1- Iniciar a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos;
- 2- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- 3- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garante que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

São Luís, 06 de Abril de 2016.

---

Simone Cunha e Souza  
Diretora CRAM

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/12)

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa “Habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência praticada por parceiro íntimo”, que tem como objetivo Avaliar a relação entre habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. A pesquisa consistirá do preenchimento de três inventários: um para identificar as situações de violência na relação entre parceiros íntimos, com 37 itens; outro com 24 itens que avaliará a sua satisfação conjugal com a relação; por fim, outro para verificar as habilidades sociais específicas ao relacionamento conjugal, com 32 itens. Você responderá aos instrumentos individualmente, podendo tirar dúvidas a qualquer momento com o pesquisador, em um local onde você possa responder com tranquilidade.

O sigilo do seu nome está garantido, sendo que os resultados finais serão apresentados na forma de trabalho de conclusão de curso, artigos científicos e apresentações em congressos. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Ressalta-se ainda que a pesquisa apresenta risco mínimo a você, entretanto, caso você se sinta desconfortável ou incomodada, por qualquer motivo, poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou penalidade. Os benefícios desse trabalho envolvem a ampliação científica quanto à compreensão dos relacionamentos; e após a conclusão da pesquisa será realizada uma palestra sobre a violência e habilidades sociais nas relações conjugais. Pela participação no estudo não será recebido qualquer valor em dinheiro.

Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do e-mail [brunolacardoso@gmail.com](mailto:brunolacardoso@gmail.com) ou telefone (98) 9 8115-8516. Em caso de dúvidas quanto a questões éticas em relação à pesquisa, você poderá entrar em contato com Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio CEB Velho, PPPG, Bloco C, Sala 07 - São Luis - MA) e através do telefone (98)3272-8708 ou e-mail [cepufma@ufma.br](mailto:cepufma@ufma.br).

Se você não tiver interesse ou disponibilidade para participar da pesquisa não sofrerá nenhuma punição. Caso você concorde em colaborar, deverá assinar e rubricar as duas vias deste documento. Uma delas ficará com você e a outra será do pesquisador responsável.

São Luís, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

---

Bruno Luiz Avelino Cardoso  
Pesquisador Responsável

---

Assinatura da Participante  
Voluntária

## ANEXOS

## ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS  
Coordenadoria Municipal da Mulher  
Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência  
“Casa da Mulher”

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Simone Cunha e Souza, diretora do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência de São Luís (Casa da Mulher) **AUTORIZO** Bruno Luiz Avelino Cardoso, aluno regularmente matriculado no Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a aplicar os instrumentos (Escala de Satisfação Conjugal, Inventário de Habilidades Sociais, Inventário de Habilidades Sociais Conjugais) e realizar entrevista com as mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo que fazem acompanhamento nessa instituição, para a realização do Projeto de Pesquisa “Habilidades Sociais e Satisfação Conjugal em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo”, que tem por objetivo primário “analisar a relação entre habilidades sociais (gerais e conjugais) e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo”.

O pesquisador acima qualificado se compromete a:

- 1- Iniciar a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos;
- 2- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- 3- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garante que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

São Luís, 06 de Abril de 2016.

Simone Cunha e Souza  
Diretora CRAM

*Simone Cunha e Souza*  
Diretora  
Centro Referência Atendimento  
Mulher Situação de Violência

Travessa da Passagem, 30, Centro. São Luis/MA. CEP: 65. 010-560  
Fones: 3212-4354/ 98198-2120 e-mail: casadamulherdesaoluis@gmail.com

